

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

ANTIQUA (1878).

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1970 | Número: 80

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Antiqua (1878). *Revista de Guimarães*, 80 (1-2) Jan.-Jun. 1970, p. 11-72.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Francisco Martins Sarmento

ANTIQUA

1878

(Começado a 23 de Março de 1878). O n.º 5 de «La Naturelle» (1877), dá conta de alguns objectos achados na caverna «Trou d'Argent», perto de Sистерon, vale de «La Durance», rico de muitos outros, e entre eles de uma vasilha de tipo inédito: Eram da cor de terra de Siena, e pouco mais tinham de duas polegadas. Os pastores dos sítios usam ainda hoje dar de beber aos filhos por «pezúñas de cabra», e supõe-se que aquelas vasilhas de barro tinham o mesmo destino ⁽¹⁾.



A Furna de Polvoreira. — Aqui está o que eu escrevi, o ano passado, voltando de ver a «Furna de Polvoreira»⁽²⁾:

⁽¹⁾ O desenho com que Martins Sarmento documenta esta breve notícia mostra tratar-se de vasos do tipo dos chamados biberões (fr. biberon) ou mamadeiras, em uso desde remota antiguidade, destinados a aleitar as crianças e também certamente para ministrar quaisquer líquidos a doentes impossibilitados de se erguerem do leito. Déchelette menciona vários exemplares, que atribui ao último período da Idade do Bronze (*Man. d'Arch.*, 1924, vol. II, p. 387-88). Em Portugal têm sido também encontrados alguns destes vasos, procedendo de Alpiarça, Serpa, Alcoutim, etc., existindo, por exemplo, no Museu Arq. Nac. de Lisboa, dois em forma de bilha, com uma asa lateral e um bico mamilar a meio do bojo, e outro do mesmo tipo dos que Sarmento cita, semelhante a um pequeno ôdre (ὄσχος). (Vide *O Arch. Port.*, 1914, XIX. p. 1, A. A. da Costa Ferreira, «Sobre uns vasos antigos do Museu Etnol. Port.»; e também L. de Vasc., «Medicina dos Lusitanos», no Vol. V dos *Opúsculos*, 1938, p. 268).

⁽²⁾ Polvoreira é uma freguesia do concelho de Guimarães situada a cerca de 4 quilómetros a S. SO. da sede.

«Fica no monte de Lujó. «Chamam-lhe a «Furna dos Moiros». Não vi cousa que se parecesse com dolmen. Imagine-se uma Pena-Província⁽³⁾ liliputiana. Os penedos deixam entre si espaços desencontrados, diferentes e estreitos, o que torna, à primeira vista, difícil saber qual deles formava a furna. Mesa, nem sinal dela em parte alguma. Quebrou-se ali já pedra; mas vê-se que a pedra quebrada não alterou no essencial o grupo de penedos.

Por fim, um guia mostrou a furna:

1) Furna; 2) parte do penedo que despegou de cima, abrindo uma fenda para poente. A furna terá 12 palmos de profundidade, 7 de



alto, 4 de largo. Como se vê, não podia ser um dolmen. Era, quando muito, um esconderijo, talvez para cadáveres, facilitado pela deslocação do penedo, deslocação que esmigalhou a pedra, que extraída deu a furna. Tudo isto foi preparado pela natureza, e a única cousa que faz suspeitar que a furna fosse aproveitada para algum uso é o seu nome «Furna dos Mouros» e alguma legenda de dinheiro encantado que por ali há. Realmente não é pouco, porque, sem uma tradição fundada em algum achado esquisito, a cousa em si não podia chamar a atenção. Disse-me depois o Couto (Jerónimo)⁽⁴⁾ que a legenda queria que os tesouros estivessem por baixo do penedo, espécie de loja à qual dava entrada a furna. Um lavrador que nos acompanhava diz mais que havia por ali caminho até um ribeiro próximo (anónimo), caminho subterrâneo, entende-se. Estas tradições devem relacionar-se com alguma cousa mais, que caiu

(3) Pena Província é o nome de um monte (ponto trigonométrico de cota 495), prolongamento do lado E. da Serra do Carvalho, a uns 3 quilómetros a O. da Póvoa de Lanhoso. De um lugar próximo, chamado as Eiras, na vertente oriental do Monte dos Picos, pertencente à freguesia de Pedralva (Braga), 2500 metros a SO. do alto de Pena Província, foi transportado para o Museu da Soc. M. S., em 1929, uma grande estátua de pedra, que desde então ficou designada «Colosso de Pedralva» (Vide «Rev. de Guimarães», 1928, vol. 38 p. 197; 1929, vol. 39, p. 115; e 1950, vol. 60, p. 451). *Catálogo do Museu da Soc. M. S. (Secção lapidária de e escultura antiga)*, 1935, p. 152.

(4) Dr. Jerónimo Pereira Leite de Magalhães e Couto, da Casa do Largo da Misericórdia, hoje Largo de João Franco.

em pleno esquecimento. No morro a nascente, por onde passámos antes de chegar à Igreja de Polvoreira, encontrei eu um fragmento de tijolo romano, que mostrei aos dois Avelinos⁽⁵⁾ meus companheiros. O lavrador supra, que apareceu depois, disse que num campo dele apareciam a cada passo grandes tijolos e carvão (este homem, que mora ali, saiu-me o irmão do meu falecido criado António). Defronte deste teso, para nascente, há um monte de S. Simão, sem capela. Em Tabuadelo,⁽⁶⁾ que não fica longe, há, diz o Couto, um sepulcro aberto na rocha⁽⁷⁾.

Tenho só a acrescentar que a «Furna dos Mouros» podia bem ser lugar de enterramento, porque enterrar os mortos nas «fendas dos rochedos» era comum, diz não me lembro quem. É preciso acrescentar também que debalde perguntamos pela Pedra oscilante, ou balouçante. Ninguém sabia dela, nem da memória dela. O P. Caldas⁽⁸⁾ disse que a tinham quebrado ha anos. O sepulcro, em Tabuadelo, é do Santiago,⁽⁹⁾ que tem reunidas algumas antigualhas, que irei ver este ano.

⁽⁵⁾ Os dois Avelinos eram o médico Dr. Avelino Germano da Costa Freitas e o Dr. Avelino da Silva Guimarães, advogado, amigos de Martins Sarmento, ambos sócios fundadores da Soc. M. S. em 1882. O segundo foi vice-presidente da 1.^a Direcção desta Colectividade.

⁽⁶⁾ Freguesia de S. Cipriano de Tabuadelo do concelho de Guimarães, a uns 7 quilómetros a S. da sede, e a NO. da margem direita do rio Vizela.

⁽⁷⁾ Não está bem definida a origem e cronologia destas sepulturas arcaicas cavadas na própria rocha, contendo algumas delas uma cavidade para o encaixe da cabeça e dos ombros do morto. Por vezes aparecem nas proximidades dos «castros». Remontam certamente a uma época ante-romana, e o seu uso prolongou-se através dos sarcófagos monolíticos chamados «carneiros sepulcrais», vulgares nos adros de igrejas da Alta Idade Média. Em numerosa correspondência que manteve com Martins Sarmento o Dr. João de Vasconcelos C. e Meneses, do Marco de Canaveses, indicou ao arqueólogo vimaranense muitas sepulturas e outras cavidades em rocha, as chamadas «pias dos mouros», existentes nas freguesias de Vila Boa de Quires, Freixo e Soalhães, daquele concelho (*Correspondência inédita* para Martins Sarmento, no Arquivo de Reservados da Soc. M. S.).

⁽⁸⁾ O P.^e António José Ferreira Caldas, autor da monografia «Guimarães. Apontamentos para a sua história», Porto 1881, 2 volumes.

⁽⁹⁾ O Dr. Dinis Santiago, proprietário da Casa da Lama (Paço de São Cipriano), na freguesia de Tabuadelo.

Uma inscrição da Citânia de Paços de Ferreira (a). Na 1.^a figura é a face do penedo; a 2.^a a parte posterior; as partes riscadas, falhas da pedra. O Manuel, ⁽¹⁰⁾ que me mandou esta inscrição ⁽¹¹⁾, promete mandar outras, que



há por aqueles sitios, se bem que não da Citânia. O primeiro nome será NIMID? Seria curioso. (Na bouça de Fervença (b), lugar de Lagido) (c).

Monte de Albardas. Monte da Cabana. — Em Ronfe ⁽¹²⁾ (Margarida) ⁽¹³⁾. É alto (d), segundo ela diz. É Alp+ard (ard = altus. Ardenas, etc.)? Este nome não é único. Há

(a) Comparar a cópia de Argote e de Hübner.

(b) Nesta bouça há uma pequena nascente de água, e fora, a pouca distância, outra nascente maior, vendo-se até borbotar a água pela fenda de um penedo.

(c) Vide pág. 16.

(d) Não tem nada de alto. Na lombada, dois penedos a par. Aí a antiga força (Out.º 81).

⁽¹⁰⁾ Manuel Marinho de Castro Falcão, sobrinho de Martins Sarmento.

⁽¹¹⁾ Trata-se de uma inscrição rupestre em caracteres latinos, já mencionada por Argote (Vide *Memórias*, 1734, vol. II, p. 466-67), da qual existe um modelo no Museu da Soc. M. S. mandado fazer por M. Sarmento. Está gravada esta inscrição na superfície de um penedo existente numa bouça de mato chamada de Fervença, no sopé do monte de cota 570 onde se encontra a Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), explorada pelos falecidos P.^o Eugénio Jalhay e Ten.-Coronel Afonso do Paço. Esta inscrição enigmática tem sido interpretada como consagrada às *Fiduenas* (ninfas?) e a *Cosuenta* (divindade?). É bastante extensa a bibliografia desta epigrafe (Vide o *Catálogo da Secção Lapidar* do Museu da Soc. M. S., 1.^a ed., 1935, pp. 34 e 35).

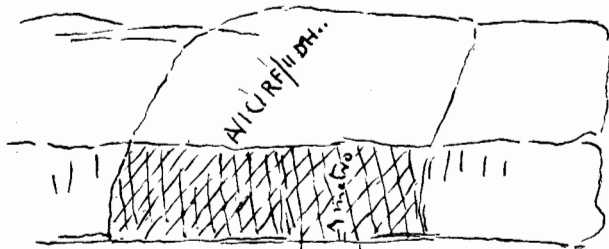
⁽¹²⁾ Ronfe é uma freguesia do concelho de Guimarães, a O. da sede, junto à margem direita do rio Ave. Em Dezembro de 1881, aí deparou M. Sarmento, numa das suas digressões arqueológicas, com uma ara muito importante consagrada a uma divindade indígena, *Durbedicus*, que viu encastrada na torre da Igreja paroquial desta freguesia. Está actualmente no Museu da Soc. M. S. (Vide *Catálogo* cit. do Museu, p. 23).

⁽¹³⁾ Refere-se a uma Senhora D. Margarida Barbosa Machado, que tinha casa em Briteiros, e dava a Martins Sarmento muitas informações interessantes especialmente sobre folclore e tradições populares.

o monte dos Albardos, não me lembro agora onde. Monte da Cabana, em Santa Leocádia, raia de Santa Cristina (14). (Comp. Cevenas?).

Pena-Provincia. Pena Cobertoura (15). *Montes do Coto*. — O primeiro, como se sabe, defronte Lanhoso (ainda em Pedralva?) com restos de grande cacaria. O segundo em Sande (16). O terceiro em Sande; mas o Sabroso, segundo o Ricardo de Freitas (17), chamava-se também «Monte do Coto». Coto não é o francês «coteau»?

Inscrições mandadas pelo Manuel (18). — Na freguesia de S. Martinho de Campo, no lugar de Chãos (a), não longe de Vizela, a meia costa.



(a) O mesmo nome tem o monte em que fica.

(14) Freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, que limita com a de Santa Cristina de Longos, ambas do concelho de Guimarães.

(15) Pena Cobertoura é o nome dado a dois grandes penedos que existem no alto do Outinho, monte de cota 490, situado a 1600 metros a NO. da Igreja paroquial de S. Clemente de Sande.

(16) Há três freguesias do concelho de Guimarães com o nome de Sande, tendo respectivamente como oragos S. Clemente, S. Martinho e S. Lourenço, todas situadas na zona do trajecto da estrada de Guimarães a Braga. A primeira a O. e nas proximidades das Caldas das Taipas e as outras duas a NO.; e, ainda, a S. das mesmas termas, Vila Nova de Sande. Todas elas possuem tradição de antiguidades, aparecendo com frequência em toda aquela zona fragmentos de cerâmica lusitano-romana, vestígios de muralhas de castros, etc. Procedente de S. Martinho de Sande, existe no Museu da Soc. M. S. parte de um miliário dedicado a Trajano que M. Sarmento descobriu numas escadas da residência do pároco dessa freguesia (Vide *Catálogo* cit. do Museu, p. 71).

(17) Ricardo de Freitas Ribeiro, tio-avô do Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, actual Sócio da Soc. M. S., que foi vogal da Direcção desta colectividade durante vários anos, onde dirigiu escavações na Citânia de Briteiros.

(18) Vide nota 10.

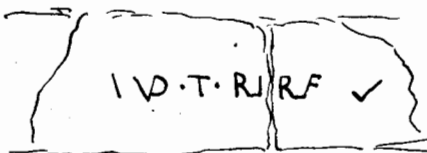
É uma pedreira, mas o penedo da inscrição sai fora da terra um metro. Em seguida ao H, última letra, diz ele, «pareceu-me descobrir levíssimos vestígios de Ps, que depois se me afigurou ∇P ; entretanto, o que se entrevê com alguma clareza é apenas a haste I do D» ... «O traço entre o F e II acha-se gravado...» ...«Os caracteres II estão perfeitamente distintos».

Mesma freguesia, nas Leirotas, lugar das Bocas. Em dois penedos rasos com o chão, e a distância do de cima cousa de 150 metros. A pedra é bruta e situada num baixo. Diz:

«...o primeiro R é pouco distinto»

(Numa primeira cópia dele vinha P).

«O sinal $\checkmark$ está separado das letras e gravado mais fundo que elas». (Não é letra). Acrescenta a carta: «Dizem-me que havia mais inscrições, mas que os donos dos penedos, para evitar que lhes pizassem os campos, os mandaram partir».



Dolmen? destruído. — Numa quinta que o pai tinha em Ronfe, conta a Margarida (19), havia uma grande gruta cavada na rocha (não sabe dizer bem se era cavada na rocha, se composta de mais que um penedo). Na frente era ornamentada com laços em xadrez. Segundo ela pinta, a gruta era vasta, e no seu tempo havia nela umas Alminhas. Ficava no meio de um campo. Foi completamente destruída.

Inscrição da Citânia de Roriz (20). (Vide pág. 14). — A bouça onde fica o penedo da inscrição é bouça da Fervença, por pertencer à casa da Fervença; mas ao local

(19) Vide nota 13.

(20) M. Sarmiento refere-se aqui à Citânia de Sanfins (Vide nota 11), ou de S. Pedro Fins de Ferreira, igualmente conhecida por Citânia de Eiriz, que é outra freguesia de Paços de Ferreira, um pouco a S. de Sanfins, e ainda por Citânia de Roriz, também freg. de Paços de Ferreira, que está a N. de Sanfins. Na designação de Cidade Velha de Monte Córdova, que Sarmiento também emprega referindo-se a Sanfins, parece haver confusão, talvez por erradas informações recolhidas, pois Monte Córdova é uma freguesia do concelho de Santo Tirso onde também existe um castro no Monte

mesmo, uns chamam-lhe «Lagido», outros «Chãos do Reitor» (Manuel) ⁽²¹⁾. «O local — acrescenta ele — é pantanoso...» ...«acabo de saber que, a distância de 220 metros, há uma espécie de mina, que chamam «Fonte dos Mouros»... «Esta mina fica mais próxima da Citânia, que da bouça...».

Um homem de Souto ⁽²²⁾, que esteve em Sabroso, disse ao Penas ⁽²³⁾ que no Concelho de Fafe há *um penedo que tem em cima uma andadeira de moinho* (em relevo? — não disse, nem lho perguntaram), com um buraco no meio, por onde se mete uma bengala, que dá como em cacos. Na Citânia de Roriz há cousa parecida a isto.

Segundo diz o Pedro de Barros ⁽²⁴⁾, que esteve em Sabroso, há em Trancoso uma ruína com nome de *Citânia*. Indagaremos. Mas as citânias vão desaparecendo. Argote, ou o Bispo de Uranópolis, seu informador, não dá às ruínas de Paços de Ferreira o nome de citânia; diz que o povo lhe chamava — a cidade. O Joaquim Torres ⁽²⁵⁾ não sustenta muito, com consciência, que a do Monte da Saia se chamasse *Citânia*. O Veloso ⁽²⁶⁾ chama-lhe, segundo

do Padrão (cota 415) que foi explorado pelo Sr. Carlos Santarém, de Santo Tirso, (Vide «Correspondência entre Hübner e Sarmiento», publicada em 1947 pela Soc. M. S., com notas de M. C., p. 41-nota 13 e p. 52-nota 3).

⁽²¹⁾ — Vide nota 10.

⁽²²⁾ — Há duas freguesias no concelho de Guimarães com este nome de Souto: Santa Maria e S. Salvador, ambas a N. de Guimarães e do lado da margem esquerda do Ave.

⁽²³⁾ — O «Penas» era um dos operários, António de Penas, que trabalhava nas escavações da Citânia dirigidas por Sarmiento (Vide «Rev. de Guim.», vol. 22, p. 97).

⁽²⁴⁾ — Dr. Pedro de Barros, da Casa dos Laranjais, em Guimarães.

⁽²⁵⁾ — Joaquim Torres é lapso de M. Sarmiento, pois referia-se a João António Torres, empregado do Banco de Ponte de Lima, que em 1876-77 dera, no jornal «Comércio do Lima», uma notícia sobre as ruínas existentes no Monte da Saia, freguesia das Carvalhas do concelho de Barcelos. Este assunto foi tratado pormenorizadamente na «Rev. de Guim.», em 1951, vol. 61, num artigo de M. C. intitulado *Monumentos Arq. da Soc. M. S.* p. 5 e ss.

⁽²⁶⁾ — Dr. Rodrigo Augusto Cerqueira Veloso, escritor e jornalista, natural de Ponte da Barca (Vide «Rev. de Guim.», vol. 61, p. 8, nota 1).

li em algures, Sanoana⁽²⁷⁾. Ficam por enquanto como certas a de Baião⁽²⁸⁾ e a de Orense⁽²⁹⁾.

Braceletes de ouro. — Mandou-me hoje o Fortunato Basto⁽³⁰⁾ três argolões de ouro⁽³¹⁾, achados por um carvoeiro na Guarda, e de que a «Actualidade» já falou, chamando-lhes «argolas». São braceletes. O achado foi de cinco e meio. Dois dos mais grossos foram vendidos a um ourives do Porto; os três (todos eles foram comprados por um filho do Coelheira⁽³²⁾ ao dito carvoeiro) são hoje de um ourives, diz o Fortunato, que os quer fundir. Dois são lisos e redondos,  um facetado. As extremidades adelgaçam muito  e têm quase o feitio de uma cabeça de prego . A abertura pouco mais tem de uma polegada. No entanto, os dois braceletes lisos pode metê-los no pulso. O segredo é este: a abertura é bastante para a largura, melhor — altura da mão; enfiado o dedo, vai-se passando a mão aberta pela abertura, enquanto o lado oposto vai descendo para o pulso. Assim as duas extremidades vão descendo

(27) Com este nome de *Sanoana*, dado às ruínas de um castro, parece referir-se às ruínas do Monte da Saia de Barcelos, outras vezes às de Paços de Ferreira. Confusão dos informadores de Sarmento.

(28) Deve haver lapso acerca da existência no concelho de Baião de uma povoação antiga com o nome de «citânia» (Vide *Correspondencia Hübner-Sarmiento* cit., p. 52-nota 3).

(29) A «citânia» de Orense é naturalmente aquela a que Sarmento alude numa carta de 4 de Maio de 1883 para Leite de Vasconcelos (Vide *Volume Especial de Homenagem a Martins Sarmiento*, Porto 1900, p. 93), reportando-se a uma referência de Ceán Bermudez, arqueólogo espanhol da segunda metade do século XVIII e falecido em 1829. Sobre a origem etimológica da palavra «Citânia» vide «Rev. de Guim.» vol. 38, 1928, p. 21 ss., *Citânia. Um problema de etimologia* por M. C., e do mesmo autor vol. 61, p. 7 — nota 2, *Monumentos Arq. da Soc. M. S.*, cit.

(30) Fortunato José da Silva Basto, procurador em Guimarães, sócio iniciador da Soc. M. S.. Era tio do Prof. Dr. Álvaro Basto, lente da Universidade de Coimbra, formado em Matemática e Filosofia, vimaranense ilustre falecido em 1924.

(31) Dois destes braceletes de ouro foram reproduzidos no *Relatório da Secção de Arqueologia*, chefiada por M. Sarmento, que tomou parte na Expedição Científica à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa em 1881 (Vide M. Sarmento, *Dispersos*, Coimbra 1933, p. 140).

(32) Refere-se M. Sarmento a José Ferreira Mendes da Paz, que tinha um estabelecimento de ourivesaria em Guimarães.

também com jeito até abrangerem o pulso. O bracelete, depois, não cai. Para sair é preciso repetir a operação inversamente. Pode também meter-se pelo lado do dedo mínimo. Notemos que os braceletes não têm a menor elasticidade. Com o bracelete facetado nada pude fazer. A explicação é a seguinte: os lisos têm a curva mais larga, porque são de volta perfeita, enquanto o facetado tem a seguinte forma . O diâmetro pequeno desta elipse não permite que a parte oposta à abertura ganhe o pulso. Só para uma mão muito pequena. Assim a própria forma dos braceletes pode indicar o maior ou menor tamanho da mão. Desconfio que o Fortunato os mandou para me tentar. E tento-me. Disse-lhe por largo que os compraria, se o ourives se desfizesse deles. (Comprados) ⁽³³⁾.

Ruínas em Santo Amaro. — Diz o Dinis Santiago ⁽³⁴⁾, que veio hoje aqui (16 de Julho) a Briteiros, que em Santo Amaro, num campo de Bugalhós, ⁽³⁵⁾ apareciam tijolos e vestígios de construções, cuja exploração era fácil, segundo lhes afirmou um filho do Dr. Carneiro ⁽³⁶⁾. Objectei-lhe que já mandara saber disso, mas que o Bugalhós respondera que nada havia. Replicou que há, que talvez respondesse um Bugalhós pelo dono do campo

⁽³³⁾ Estes braceletes, comprados por M. Sarmento foram mais tarde por ele oferecidos ao Museu da Soc. M. S., mas infelizmente dali roubados, ainda em vida do arqueólogo, na noite de 13 para 14 de Dezembro de 1898.

⁽³⁴⁾ Vide nota 9.

⁽³⁵⁾ O «Bugalhós», alcunha pela qual era conhecido Jacinto Gomes de Oliveira, da Casa dos Abreus, do lugar de Bugalhós, freguesia de S. Vicente de Mascotelos, a SO. e nos subúrbios da cidade de Guimarães. Era pai do Padre João Gomes de Oliveira Guimarães, abade de Tagilde (Vide «Rev. de Guim.», vol. II, 1894, p. 41), que foi historiador, arqueólogo e diplomata insigne, sócio da S. M. S. desde a sua fundação e presidente da Direcção desta colectividade desde 1902 a 1905, presidente da Câmara Municipal de Guimarães, colaborador da «Rev. de Guim.», organizador da Colectânea de documentos medievais *Vimaranis Monumenta Historica*. Faleceu em 1912.

⁽³⁶⁾ Dr. Carneiro era o proprietário das chamadas «Casas Amarelas», no lugar de Covas, freguesia de Mascotelos, junto à estrada de Guimarães-Santo Tirso, de que mais tarde foi dono o falecido médico Oscar Moreno, professor da Faculdade de Medicina do Porto.

(porque há dois Bugalhosos). Prometeu tirar isto a limpo, e eu farei o mesmo.

Barqueiro. — É a quinta do Vago-Mestre⁽³⁷⁾, em S. Cláudio do Barco. Vindo da casa dele para poente encontra-se, à direita, uma casa de cabana que ele mandou fazer. É aí que ele encontrou as vasilhas antigas⁽³⁸⁾, esmoutando a horta, parece. É o Marques⁽³⁹⁾ que me diz isto, e conta também que, quando se abriu a estrada das Taipas para Lanhoso, ao pé da ponte «nova» (sobre o Rabelo)⁽⁴⁰⁾ apareceu um forno, ainda com telha dentro. Afiança que nada havia de antigo no achado; mas...

Pena-Cobertoura⁽⁴¹⁾. — Fui ontem, 13 de Julho, ver a famosa cobertoura, onde se abrigava um rebanho. Segui pela estrada que do Espírito Santo⁽⁴²⁾ leva para S. Lourenço e vai dar à estrada de Braga. Seguindo

⁽³⁷⁾ O «vagomestre» (do alem. *Wagenmeister*), oficial inferior do Exército, chefe do Serviço de carros, era a alcunha pela qual se referia a José Joaquim Costa, um ex-sargento reformado daquele cargo, que dirigia um botequim situado no lado poente do Largo do Toural, e possuía uma propriedade em S. Cláudio do Barco, freguesia do concelho de Guimarães, na estrada das Caldas das Taipas à Póvoa de Lanhoso.

⁽³⁸⁾ As vasilhas antigas a que Sarmento se refere estão hoje no Museu da Soc. M. S.. São vasos do tipo de «largo bordo horizontal», modelados à mão, sem o emprego do torno de olaria, vasos estes ainda de uma cronologia mal definida. Cerâmica do mesmo tipo foram mais tarde exumados por nós na exploração de uma necrópole, nas Caldas das Taipas, quase à margem da estrada que daquelas Termas conduz ao Sameiro, pela freguesia de Santa Cristina de Longos (Vide. M. C., *Novas urnas de largo bordo horizontal*, in «Trabalhos da Sociedade Port. de Antrop. e Etnologia», Porto, vol. VIII, 1936).

⁽³⁹⁾ Manuel Joaquim Marques, vendeiro em S. Cláudio do Barco. Em 1893 doou à Soc. M. S. dois penedos com gravuras pré-históricas que possuía numa bouça em S. Salvador de Briteiros (Vide *Rev. de Guimarães*, vol. X. p. 201).

⁽⁴⁰⁾ É uma pequena ponte sobre o Rio Rabelo, um ribeiro que passa em Briteiros com o nome de Febras, depois Rio de Agrela e desagua no Ave, junto e um pouco a montante das Caldas das Taipas. A ponte fica na estrada que daquelas Termas conduz à Póvoa de Lanhoso, a pouco mais de 2 quilómetros das Taipas.

⁽⁴¹⁾ Vide nota 15.

⁽⁴²⁾ Lugar do Espírito Santo, onde existe uma capela, fica no ramal que, da estrada Taipas-St.^a Cristina de Longos, conduz ao castro de Sabroso.

depois esta linha recta vai-se ter ao pico onde assenta o marco geodésico, e que se chama «Coto», segundo alguns, passando por um grupo de penedos que fica num outeiro à meia costa, e que o Costa ⁽⁴³⁾ me disse primeiro chamar-se Pena-Cobertoura. Uma mulher que encontrei perto do outeiro não me soube dizer nada de certo. O outeiro chamar-se-ia «A Costinha»; o alto, «Coto» e Pena-Cobertoura. O grupo de penedos (na Costinha, vá) é curioso. Imagine-se uma laje de 20 metros de comprido, com metade de largo, assente pelos bordos em dois penedos laterais, e uma das extremidades num outro penedo, mas de tal sorte equilibrada, que parece que a parte mais pesada fica no ar, ameaçando cair. Por baixo, esta enorme lasca é plana; a altura a que ela fica do solo é de mais de dois homens. Natureza, nada mais.

Tanto aqui, como nos vãos de outros grupos de penedos, encontrei pedaços maiores ou mais pequenos de pedra-ferro, igual à que se encontra nas fendas do Castelo de Guimarães. Pareceu-me num sítio, ver esta pedra ainda pegada a um pedaço de granito. Que pedra é? liga com o granito? Subi ao «Coto» e procurei por muito tempo a tal gruta, que a mulher me disse ficar por debaixo do *telefo* ⁽⁴⁴⁾ (marco geodésico). Aqui nada havia. Mais para o sudoeste há dois penedos na seguinte posição que decerto são a famosa Pena-Covertoura. Decerto cabe dentro um rebanho, mas não há-de ser grande. O penedo da Costinha é mil vezes mais imponente, e eu supponho que é este precisamente o a que se aplica o nome. Tinha-me dito o Matos que por trás do Coto ficava o Outinho ⁽⁴⁵⁾, e que por aí se encontravam vestígios antigos. A cordilheira, do Coto para o sudoeste, fica paralela ao lanço da estrada de Braga, quando desce da Morreira e não longe dela. Nos outros picos que vi (de longe, se



⁽⁴³⁾ O Costa era um cirurgião, José Custódio da Costa, de de S. Lourenço de Sande.

⁽⁴⁴⁾ *Telefo*, *tafejo* e *talegre* são provincianismos com que o povo inculto designa os marcos geodésicos. É deturpação da palavra *telégrafo* por julgarem que esses marcos têm qualquer ligação com antigas comunicações feitas dos altos dos montes por meio de sinais luminosos, fogueiras, etc.

⁽⁴⁵⁾ O Coto e o Outinho são duas elevações a O. da estrada Taipas-Braga, a primeira de cota 452 e o Outinho, marco trigonométrico um pouco a N. do primeiro, de cota 460.

entende), não descobri probabilidades de... nada. Disse-me depois o Matos que o sítio onde lhe disse a mulher que aparecia cacaria era adeante do Coto, no Monte de S. Miguel, onde houve uma capela de S. Bartolomeu.

Um sujeito que hoje (data supra) esteve comigo no Sabroso, disse-me que uma légua distante de Penafiel, para o lado do Marco, havia o monte Castro (sem muralhas, mas com cortes na terra que as imitavam), onde havia penedos esquisitos, alguns «com carrancas esculturadas» (o Simão Rodrigues ⁽⁴⁶⁾ devia saber disso). Havia tradição de tesouros ali enterrados. Há muitos anos, povos de diferentes freguesias juntaram-se, escavaram e tornaram a escavar o monte, mas só encontraram vasilhas, algumas delas com carvões dentro, que eles quebraram (Comp. pág. 46).

Cadeira do diabo. — Em Garfe ⁽⁴⁷⁾ há um penedo em forma de cadeira, que tem este nome. Conto ir ver uma inscrição de Gondomar ⁽⁴⁸⁾, e ver a *cadeira*, um penedo *dos casamentos*, umas campas abertas em rocha, e o mais que houver.

Inscrição na Ponte de Donim. — Teima o *tenente* ⁽⁴⁹⁾ (de Donim) que existe uma inscrição, que alguém já

⁽⁴⁶⁾ Simão Rodrigues Ferreira, comerciante muito dedicado a estudos históricos e arqueológicos, natural de Penafiel, onde faleceu em 1883. Foi pessoa de importância representativa na sua terra natal, tendo ocupado os lugares de vice-pres. da Câmara Municipal, provedor da Misericórdia, vice-consul de Espanha, etc. Deixou muitos escritos dispersos na imprensa, entre os quais um sobre a Citânia, e um vol. *Antiguidades de Penafiel*, etc.

⁽⁴⁷⁾ Garfe, freguesia do concelho da Póvoa de Lanhoso. Sobre antiguidades desta freguesia vide M. S., *Dispersos* cit. p. 273.

⁽⁴⁸⁾ — Gondomar, freg. situada no extremo N. do Concelho de Guimarães, a 14 quilómetros da sede e junto à margem esquerda do Rio Ave. Pelo S. é dominada pelo-macizo orográfico de Penicies (cota 501) e Penedo da Bandeira (cota 531).

⁽⁴⁹⁾ Este «Tenente», que Sarmento descreve adeante (Vide p. 27) como sendo uma «estranha figura de 75 anos, revelando ainda energia através do cansaço da idade» é-nos indicado por ele como sendo do lugar do Paço, da freg. de Donim. Era irmão de um Padre António, da Casa do Barral, em S. Salvador de Souto. Ignoramos se de facto se tratava de um antigo oficial do Exército ou se a designação de «tenente» correspondia a qualquer alcunha.

copiou e não pôde ser decifrada. A inscrição não se vê, diz ele, porque o arco areou, e escondeu-a. É fácil descobri-la de novo, e o Serafim prometeu levar lá o *tenente* para a afuroar. Veremos.

Lapa de Correllos. — O Bernardino, quando veio no inverno à Citânia, vendo a Pedra da Moura e ouvindo o que se dizia dos dólmens, lembrou que em Correllos, perto da Portela, havia um grupo de penedos que condizia com a pintura dos dólmens. O Jerónimo caseiro, que é destes sítios, diz que esses penedos se chamam a Lapa. É uma grande laje assente em três penedos, mas tudo posto pela «mão de Deus». É de crer. No entanto, veremos.

As pias dos Mouros. Cadeira do Diabo. — Fui hoje com o Serafim⁽⁵⁰⁾ a Gondomar ver algumas curiosidades, de que nos tinham falado. Uma delas era uma inscrição gótica⁽⁵¹⁾. Era aberta em excelente relevo, na tampa de uma campa, mas fizeram dela um dos caleiros de um longo encanamento, de sorte que a inscrição assenta quase toda sobre uma parede onde os caleiros correm. Felizmente o rego foi aberto nas costas da inscrição. Três carneiros, a algum dos quais pertenceu decerto a inscrição, estão abandonados a um lado. Dois foram rasgados nos topos e também já serviram de caleiros. Um terceiro tem de notável uma cavidade que parece ter sido destinada para a cabeça do defunto. Não se pode jurar que o fosse, porque o topo do carneiro (todos eles são inteiriços) também foi rasgado para algum uso:  Fomos em seguida ver uma

(50) O Conselheiro Serafim Antunes Rodrigues Guimarães, proprietário em Briteiros, pai do falecido médico Dr. João Antunes Guimarães, natural de Briteiros e vizinho da Casa da Ponte, de M. Sarmento. O Dr. João Antunes, que faleceu em 1951, era sócio honorário da Soc. M. S., do Instituto de Coimbra, etc., e desempenhou na vida política importantes cargos públicos, tendo sido Ministro do Comércio e Comunicações desde 1929 a 32, vice-presidente da Assembleia Nacional, etc.

(51) Esta inscrição, na tampa de um «carneiro» sepulcral estava no adro da Igreja paroquial de Gondomar, e encontra-se actualmente no Museu particular do Seminário de Santiago, em Braga.

sepultura, de que me tinha já falado o Domingos⁽⁵²⁾ de Gondomar, que nos acompanhou. Foi também connosco um caseiro dele, que disse chamarem-se «Pias dos Mouros»⁽⁵³⁾. Mal as vi, logo decidi que não eram sepulturas. Lembraram-me logo os «lagos» de Panoias⁽⁵⁴⁾, perto de Vila Real. O monumento é curioso. Fica já em Garfe, no sítio chamado «Pena», nome que vem de certo de um outeiro que lhe não fica longe, coroado de penedos, e que também dá o nome à «Casa grande»⁽⁵⁵⁾, a que está apensa uma capela da qual tenho de mencionar logo uma particularidade. Fica o monumento na lombada de um teso, por toda a parte cercado de terrenos cultivados menos neste sítio, que é um pequeno tracto de mato e uma mata de pequenos carvalhos. Ao fundo, para poente, fica o lugar de Teire, limitado deste lado por um outeiro chamado «Choriz»⁽⁵⁶⁾. Para lá deste outeiro, e na mesma linha, fica a Igreja de Gondomar, que se não vê porque o outeiro a encobre. Vejamos se é possível dar uma ideia exacta das «Pias». São abertas

(52) Domingos Fernandes Guimarães, que era proprietário em Gondomar e morava na Casa do Quintal, que mais tarde passou à posse do Dr. António Joaquim Alves de Melo, de Braga, e é actualmente da família de Aarão Campos Lima.

(53) Estas «pias dos Mouros» eram cavidades abertas na rocha a que o povo também dá o nome de «lagares dos Mouros». Sobre estas piias a que M. Sarmento se refere, vide nota 7 e «*Dispersos*», cit., pág. 274. Sobre os chamados «Lagares dos Mouros» vide artigo com esse título, por M. C. publicado nas *Actas y Memorias de Soc. Esp. de Antropologia, Etnografia y Prehistoria*, de Madrid, 1946, t. XXI, p. 134 ss. e p. 142.

(54) Acerca do santuário de Panoias vide J. L. de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, 465 ss.

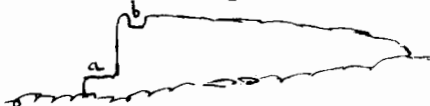
(55) Era a chamada Casa da Comenda, que pertenceu a uma Senhora D. Maria Falcão. É interessante este nome de «Casa Grande», ao lado da casa humilde do caseiro da quinta, designação que os portugueses colonizadores do Brasil ali continuaram referindo-se à casa dos senhores das grandes fazendas junto da *senzala* dos trabalhadores negros. O sociólogo brasileiro Gilberto Freyre deu este título a uma das suas obras, «Casa grande e Senzala».

(56) Procedente do alto de Choriz, que fica um pouco a S. de Gondomar, deu entrada no Museu da Soc. M. S., em 1933, um belo machado plano de bronze, oferecido pelo Sr. Aarão Campos Lima, a quem aludimos na nota 52.

num penedo, sobre o longo, na direcção (do eixo maior) de Norte-Oeste, quase de nível com o solo do lado do Nordeste, e de altura de 2 metros para o Noroeste.

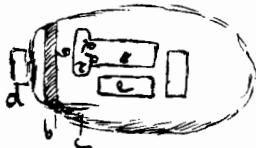
O perfil será este:

a) é como um supedâneo; b) um sulco de dois palmos de



largo, meio de rebaixe, vasado de lado a lado. Agora a planta das pias, sem proporção (porque nem compaço tenho) é, pouco mais ou menos, a seguinte:

a) Supedâneo; b) rasgo, rebaixe de 4 polegadas, c) rebaixe a pico, de 3 polegadas; largura de uma das testas, 6 palmos; comprimento até



os ângulos internos, 8 palmos; largura dos topos da bacia transversal, 2 palmos; a, a') neste sítio há uma ranhura mal feita, e de um dos lados quase desfeita de todo. Parece, porém, que a pia transversal se podia separar da outra por uma porta corrediça. A altura da pia grande é de três palmos. A que lhe fica paralela (e) não tem de altura mais do que 4 polegadas, mas, sendo o fundo de todas as pias *quase* do mesmo nível, já se vê que esta fica em plano inferior. Terá como a terceira 7 palmos de comprido e 3 de largo. A última tem de profundidade 10 polegadas. Num dos bordos da pia grande, no plano, há também um pequeno rebaixe, que o Domingos supunha ser para receber uma tampa. É simplesmente feitio. A superfície não é plana bastante para receber uma tampa. Todas as pias estavam cheias de água. Esgotou-se a pá grande, que o lavrador disse que nunca estivera sem água (que lhe cai no inverno), nem no alto verão. Lembrou-me o «Lacum aeternum» de Panoias. Mandei-a esgotar, para ver se haveria alguma comunicação com as outras. Nenhuma. O fundo era grosseiramente plano. Singular monumento. Não há por ali perto vestígios, nem tradição de povoação antiga; nunca apareceram cacos, nem nada! A sul deste monumento há um outro penedo, sem sinal de arte. Mas, por o lado do norte, na base, tem terra mole, e, como o penedo foi aberto em dois por alguma convulsão da natureza, deixando uma fenda no meio, ficou o lavrador de escavar em ambas as partes e de dar conta do resultado, compro-

metendo-se também espontâneamente a limpar todo o penedo das pias, muito coberto de musgo.

Fomos ver a «Cadeira do diabo», que ficava no «Castelo de Cima». Passamos pela «Casa grande», a Casa da Pena, que tem uma capela ao pé. No tímpano da porta da capela há um sinal que me impressionou.

Nunca vi os famosos círculos concêntricos em capela nenhuma; só nesta. Os meus companheiros também não. Por não calcular o espaço para os círculos, em vez de três só gravei dois. São três:

sem  Os «Castelos» ficam no monte de Garfe, mais designação. Há o «Castelo de Baixo» e o «Castelo de Cima». Estes «Castelos» são largos grupos de penedos. A «Cadeira do Diabo» fica na base e a poente do «Castelo de Cima». A cadeira fica num penedo, para trepar ao qual há suas dificuldades (o lavrador levou uma escada de mão). O fundo tem talvez quatro metros de altura. Do lado do sudeste tem uma cavidade aberta na borda do penedo, com encosto dos três lados, e aberta na frente, e parece que esta cavidade, que terá dois palmos e meio de alto, foi feita artificialmente. Parece, pelo menos, verem-se picadelas.

De quem quiser trepar ao penedo, o sítio mais acessível, ou unicamente acessível, é por (a, a'). O nome de Cadeira do Diabo liga-se à forma da

cavidade, e à altura em quem ela está, decerto; porque o tombo dali seria mortal. O sítio é agreste e isolado, e nada nas vizinhanças que explique tal obra de arte. Notarei porém que de um dos lados (o esquerdo para quem olha a cadeira de frente), há uma rachadela muito natural:

 Disse-me depois o Manuel de Gondomar ⁽⁵⁷⁾ que na chã da Senhora do Monte, que fica acima do Castelo de Cima, como o Alto de S. Simão, de Gondomar, havia vestígios de povoação antiga, sendo porém mais fácil a visita a este sítio, de Guimarães a

⁽⁵⁷⁾ O Manuel de Gondomar, era talvez o proprietário. Manuel Fernandes, o «Fernandes da Casa da Lage», há muitos anos falecido.

Gonça⁽⁵⁸⁾. Um lavrador que encontramos à volta disse-nos que uns tais, há muitos anos, tinham vindo com o livro de S. Cipriano a um sítio do Castelo de Baixo, onde escavaram, encontrando muitos carvões. O sítio era ao pé de um penedo. Fomos em seguida à Igreja de Gondomar ver S. Simão e a «Pedra». S. Simão é uma estátua de madeira, menos mal pintada. A «Pedra» é uma pedra de granito fino, quase informe, se bem que eu lhe quis ver uns longes de membro viril. As mulheres estéreis raspam com uma pedra pequena a maior, guardam o pó numa saquinha, e parece que deixam de o ser. O pó, na saquinha, é posto depois, pendurado, por baixo da estátua do Santo, que tem talvez vinte saquinhos. O pároco, que recebe um tanto de cada raspadela, vai deitando fora as saquinhos que lhe parece; se não o número seria considerável. Há ainda no alto do monte onde estive o Santo uma «pia» redonda (não sabe o Domingos⁽⁵⁹⁾ se avulsa, se em penedo), onde se supõe que se espremia o mel ofertado ao Santo, porque muitas ofertas eram de mel. Notar bem.

Quando passamos à ponte de Donim, paramos e mandamos chamar o tenente do Paço, uma estranha figura de 75 anos, revelando ainda energia através do cansaço da idade, para nos mostrar a inscrição da Ponte de Donim⁽⁶⁰⁾. Algumas pedras da abóboda do arco tem a sigla S, que é decerto marca de pedreiro. A inscrição estava gravada na pedra angular sul do pegão

⁽⁵⁸⁾ Gonça é uma freguesia situada num ponto alto da parte NE. do concelho de Guimarães, onde começa um vale bastante profundo, que corre de S. a N., entre dois montes, um do lado nascente com a forma acentuada de um cone, o alto da Senhora do Monte, e outro do lado poente, o alto do Penedo da Bandeira, sobre Gondomar. Da freguesia de Gonça existe no Museu da Soc. M. S. uma tosca figura de pedra (Vide *Catálogo* cit. p. 150).

⁽⁵⁹⁾ Vide nota 52.

⁽⁶⁰⁾ É uma bela ponte, de construção não muito antiga, sobre o Rio Ave na freguesia de Donim, do concelho de Guimarães, num ramal de estrada que parte da estrada das Taipas à Póvoa de Lanhoso e liga a Gondomar, onde então terminava, após um percurso de 3 quilómetros, e hoje segue de Gondomar por Garfe, Gonça, S. Torcato e termina em Guimarães. Em Donim localizou M. Sarmiento várias «mamoas» e gravuras rupestres.

(olhando do sul) esquerdo do arco pequeno. Impossível decifrar nada. Vê-se um O. Se se segue um A é duvidoso. O resto ainda é mais safado:

O A n n n

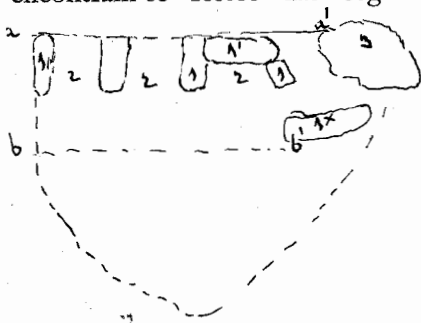
A Lapa. Lapadela. Castelo dos Mouros.

— Tudo isto fica na freguesia de Souto (Mosteiro de), onde o Marquês de Vila Real tinha terras. Existe ainda um cruzeiro, com um Senhor crucificado⁽⁶¹⁾, e as armas do Marquês, não longe do Mosteiro. É um bonito cruzeiro de pedra, com uma inscrição um pouco piegas no pedestal «Pelas chagas, etc.», que não copiei nem li toda, para não perder tempo, que vi nos não sobejaria (ia o Serafim também). O nosso cicerone foi o Pe. António, do Barral, ao qual se juntou depois o irmão, o Tenente⁽⁶²⁾. Começamos por ver a «Lapa». É um enorme penedo, plano por baixo, mas oblíquo:



O espaço que ele cobre, como um tecto, tem de comprimento 24 palmos, e outro tanto de largo, pouco mais ou menos. Dentro encontram-se restos das seguintes construções:

1) são pedras colocadas artificialmente, e 1') cobria as pedras laterias, como uma mesa de um dólmen. Tiraram daqui pedras e haveria mesmo uma *mesa*, provavelmente peça do dólmen. A linha *a, a'*



(61) Esse cruzeiro foi comprado a um membro da família Freitas do Amaral por um industrial de Guimarães, José Gonçalves da Silva, já falecido, e encontra-se hoje numa quinta de seus herdeiros em Souto (S. Salvador). É classificado «Imóvel de interesse público» pela Decr. n.º 33.587 de 27 de Março de 1944.

(62) Vide nota 49.

indica a linha onde a construção topava do tecto:

A primeira pedra da esquerda (para o espectador) é posta para fechar a lapa por este lado:  está um pouco tombada para fora. 1x) parece porta para a fechar pela frente. Da linha *a, a'* até a linha *b, b'* havia o espaço de sete palmos e meio. 2) a primeira (da esquerda para a direita) como a segunda, de três palmos e meio, e separadas por pedras de um e meio a dois palmos de largo; a terceira de seis palmos e meio de largo, tendo a mesa cinco e meio. A altura da furna no ponto da mesa era pouca, talvez três e meio a quatro palmos, mas o terreno na direcção *ab* é em ladeira pouco forte. Inegavelmente, houve aqui uma tripla galeria. O nome geral é Lapa, mas a Mãe da Mulher do Serafim, que nasceu também nestes sítios, chamava-lhe «Pedra da Moura». Dizia o Tenente que lhe contava o pai, talvez para fazer rir, que «morava ali uma freira». Nunca apareceu por ali caco nenhum, mas defronte, num olival, tem-se encontrado telha romana, segundo a descrição do Tenente.

(pequeno
4) vale;
(o mesmo
onde fica



2) Monte da Samoça
outeiro); 1) olival;
3) Monte de Górdina
que chamam Barral),
a Lapa, não longe da

parede que separa os campos do bravo. Nos prazos antigos o monte é chamado Gortina, diz o Tenente, e supõe o irmão que o nome de Barral lhe vem da Casa, e não às vessas. Se Gortina é um nome de apetite, Barral não o é menos. Quanto às oliveiras, outrora parece ter havido ali um lugarejo. Entre a gente do lugarejo e a de Santa Maria de Souto correu pleito sobre a água do ribeiro (Reais. *Rheo?*) em que se alegava «que a gente das Oliveiras mal podia viver sem a água de Reais». Este processo correrá há cousa de 400 anos.

A Lapadela, que fica um pouco acima da Lapa, é mais curiosa pelo nome, que por outra cousa. É um enorme penedo, mas desigual mesmo pela face inferior. Tem de singular assentar, da direita, num pequeno penedo cortado a direito por dentro, enquanto que do lado oposto há uma pedra tombada que não parece natural, e que fazia *pendant* com ele. Esta pedra tem jeitos de ser afeiçoada pela mão do homem; porém a furna em geral é muito suspeita.

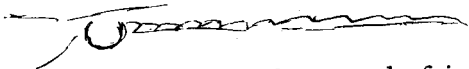
O *Castelo dos Mouros* — Pelo que me tinha pintado o João do Barral (63), o Castelo era um monte de pedras, inculcando ruínas de um edifício isolado. Vendo os montes de pedras, o que eu descobri logo foi vestígios de muralhas, não de construção; verdade é que tão confusas, que era, como diz o outro, preciso ter a fé do arqueólogo. Mas, dando volta para a outra lombada, depois de atravessar o regato de Reais, que a divide da Gordina pelo nordeste, para irmos ao penedo do eco e ver uns vestígios de paredes que o Tenente desconfiava ter lorigado nesta lombada, encontramos efectivamente um longo cordão de pedras, que, mesmo sem a fé do arqueólogo e com vista regular, devia ser conhecido há muito. Houve por ali o quer que seja; porém a situação deste lugar fortificado desnorteia um pouco a gente. Imagine-se:

3) Lugar de Vilarinho (Gonça), pequeno vale quase no alto, de onde corre o ribeiro de Reais



(4-4°); 1,1) vestígios de paredes na lombada de lá do ribeiro; 2,2) idem, nas faldas de Gordina. De sorte que este lugar fortificado não seria num alto, mas a meia costa. Urge fazer um estudo mais aturado da cousa; muro 1,1) vem ter quase ao fojo. Aqui, o fojo era de pedra, uma espécie de poço circular, do diâmetro das casas da Citânia. Sempre o quis examinar, na dúvida se seria cousa antiga aproveitada; porém, o aparelho das paredes não me pareceu mostrar grande antiguidade. Muita pedra que ladeia o caminho que trazia ao fojo, uma parede de pedras quase amontoadas, veio decerto das muralhas demolidas:

O ribeiro, com uma cheia extra-



ordinária de há dois anos, levou parte do poço do fojo. O leito do ribeiro está semeado de grandes pedras brancas, por grandemente lavadas, e na dita cheia escolheu outro leito, invadindo campos, etc. É singular que a grande abundância de água parece ter desabado do céu em *a-a* (onde há uns seis ou sete moinhos isolados,

(63) João do Barral, irmão do «Tenente» e do P.^e António do Barral (Vide nota 49).

como em Porto Guediz) ⁽⁶⁴⁾, porque para cima não há estragos. Mais acima dos moinhos há uma fonte chamada «Fonte da Moura». Nada tem de notável. A água sai de uma mina de terra. Parece porém que já por ali escavaram. Para nordeste da lombada inominada, e não longe, ficam as Penícies ⁽⁶⁵⁾, e perto delas o «eco», a que não fomos por ser já tarde. Em resumo: restos de muralhas, Fonte da Moura, etc. etc., tudo isto são estímulos para me obrigarem a um exame mais atento.

Uma mulher que encontrei no *chalet* que foi do engenheiro Couto, no Bom-Jesus, e a quem perguntei pelo nome de um monte mais elevado, que fica para os lados do Carvalho d'Este, respondeu-me que se chamava *Cabai* ou *Cabaia* (*Carvalho*, decerto; a mulher era tata). Averiguar.

Sanoana ⁽⁶⁶⁾. — O Fernando de Magalhães ⁽⁶⁷⁾, que hoje (19 de Agosto) esteve comigo na Citânia, diz-me que a Citânia de Roriz é chamada pelo povo das proximidades Sanoana. Este nome tinha ideia de que o Veloso ⁽⁶⁸⁾ o atribuía às ruínas da Saia ⁽⁶⁹⁾; mas o Veloso e o Fer-

⁽⁶⁴⁾ Porto Guediz é um lugar da freguesia de Sobreposta do concelho de Braga, onde nasce o Ribeiro de Agrela (Vide nota 40). O topónimo *Sobreposta* é a designação que vem dos documentos medievais *Petra superposita*, i. é, um penedo em cima de outro, tomando por vezes o superior o nome de «pedra balouçante», quando um esforço de alavanca, relativamente pequeno, o faz oscilar. É um acaso da natureza erradamente tomado como um monumento pré-histórico erguido por mão do homem. São as «pierres tremblantes», «branlantes» ou «mouvantes» dos arqueólogos franceses (Vide *Manuel d'Arch.* de Déchelette, Vol. I, 1924, p. 377).

⁽⁶⁵⁾ Vide nota 48.

⁽⁶⁶⁾ Vide nota 27.

⁽⁶⁷⁾ Fernando de Magalhães de Meneses Vilas Boas, oficial do Exército nascido em 1840 e falecido em 1899, no posto de general de Brigada. Era pai do 1.º conde de Vilas Boas, Fernando de Magalhães de Meneses, natural de Barcelos, falecido em 1951, que foi 1.º Tenente da Armada.

⁽⁶⁸⁾ Vide nota 26.

⁽⁶⁹⁾ Ruínas do monte da Saia. Sobre esta estação arqueológica vide notícia pormenorizada na «Revista de Guimarães», vol. 61, pp. 5-28, M. C., *Monumentos arqueológicos da Soc. Martins Sarmento*.

nando, segundo este diz, conhecem bem as ruínas de Roriz⁽⁷⁰⁾, onde mesmo têm feito umas escavações tais quais, acrescentando que não ficam longe de Barcelos (3 léguas)... Os edifícios da Citânia, Sanoana⁽⁷¹⁾, ou o quer que seja, de Roriz, são mais ricos, diz ele, que os de Briteiros, e inscrições curtas, em penedos, abundam. Promete mandar-me cópia de algumas curiosidades.

Santa Iria⁽⁷²⁾ — Tornei hoje a Santa Iria depois de me despedir do Fernando e do Geraldês.⁽⁷³⁾ Acerca de muralhas e de ausência de mais construções, a ideia que eu tinha nem adiantou, nem atrasou. Encontrei, porém, as seguintes particularidades. Já na bouça tapada de um dos proprietários do monte, na parte que vira para o nascente, e não longe da parede, não longe também da muralha circular, há uma lasca com a seguinte forma:  1) é uma pedra que está há ali uma cavidade, que não era mau explorar. Em alguns penedos encontrei pequenas cupelles ; noutro uma gamela redonda de pouco mais de um palmo de diâmetro, outro tanto de fundo, cônica. Noutro, mas lateralmente, depressões circulares, que me pareceram artificiais. É mais que uma. É num penedo alto e isolado, fora dos muros, para o sueste.

Cabreira. — Conta o padre Manuel Ribas⁽⁷⁴⁾, por informações do irmão, que quando se passa para Vieira, na Cabreira, se distinguem vestígios de povoação antiga.

(70) Vide nota 20.

(71) Vide nota 27.

(72) Santa Iria é o lugar de um pequeno castro a NE. da Citânia de Briteiros, que Sarmento localizou mas não chegou a explorar. Vide referências a este castro em *Dispersos* cit., pp. 31, 33, 76, 269 e 489 e «Rev. de Guim.», vol. 19, p. 27.

(73) O *Geraldês*, médico em Guimarães, Geraldo José Coelho Guimarães, um dos sócios iniciadores da Soc. M. S.

(74) Padre Duarte de Macedo, abade de Sobreposta. Sobre construções antigas na Serra da Cabreira vide Carlos Teixeira, *Nota sobre algumas construções megalíticas minhotas*, «Rev. de Guim.», vol. 58, p. 110.

Penícies, etc. — (Vide pág. 30). O Pe. Manuel Ribas por mais de uma vez me tinha dito que pelo Monte de S. Simão havia vestígios de construções, e, falando-lhe eu nos restos de muros que tínhamos visitado no Barral e cercanias, deu ele a entender que todas estas obras ligariam. Fomos hoje (30 de Agosto) visitar estes sítios, não só ver as novidades prometidas pelo padre, como examinar melhor as relíquias que tinha entrevisto, indo ao Barral. O sítio indicado pelo Pe. Manuel fica no morro eminente às Penícies. A pedra solta que ele supõe ser esboços de construções, não tem nada disso. Tudo é natural, a meu ver. Descendo e examinando melhor os restos de parede, que já vira da primeira vez, nada adiantei. Há realmente um longo alinhamento de pedras, indicando uma antiga parede; mas, decididamente, nada disto era fortificação. Os muros de um fojo tinham grande extensão e altura. É possível, é natural que os vestígios fossem de um antigo fojo. Há contudo o nome de «Castelo dos Mouros», que lhe fica perto; mas, apesar de todos os pesares, tudo isto é insignificante e indigno de atenção. É ponto decidido: povoação de importância dominava um vale fértil. Por ali tudo é estéril.

Via romana pela Cabreira. — Conta o Pe. Manuel Ribas que havia uma via romana pela Cabreira, cujos restos ele examinou andando à caça. A via atravessa da Serra da Cabreira para a de Cantalães, ficando entre as duas serras o monte da «Cabeça de Vaca». É aqui onde os vestígios da estrada são mais claros. A Cabreira é áspera e estéril; Cantalães podendo dizer-se terreno ótimo; Cabeça de Vaca participando de ambos.

Monte da Rocha. — Fica para além (sul) de Pena Cobertoura, defronte da Igreja de S. Clemente de Sande. Na costa aparece muito tijolo, que os lavradores vão buscar quando querem fazer fornos. É o Martinho pedreiro que diz isto, e diz também que numa restauração da Igreja supra se achou uma soleira com algumas pequenas cavidades. A maior tinha uma chave, noutra algumas moedas. À vista de uma que me apresentou o dinheiro era português. Ele também o sabia, por informes do padre que ficou com tudo.

Santa Marta. (75) — Disse ainda que um Frei José da Senhora da Graça, hoje morador na rua da Cónega, em Braga, afirmara haver ruínas antigas em Santa Marta. Perguntar-lho-emos.

Estrada antiga de Braga. — Escreve o Camilo, no *Museu Ilustrado*, forrageando num manuscrito «Antiguidades de Braga», que a antiga estrada de Braga a Guimarães ia ao Monte da Pena, passava por Esporões e Brito (76) (1), e ia passar à ponte de S. João (77). Quanto a esta última parte, já o tinha adivinhado. O manuscrito é de há 100 anos.

Penedo cavalgado (Santa Leocádia). — Mostrou-mo o Fortunato Marques, de sua casa. Fica entre a Lomba e a Cruzinha (78). Fui vê-lo. Provavelmente foi cavalgado, mas o penedo cavalgante desapareceu. No de baixo pareceu-me haver sinais que indicam ter assentado outro em cima. Está (na sua extensão) orientado. Nem um triste sinal, que revele mão de homem.

A estátua da Citânia de Roriz. — Falando nela ao Manuel, respondeu-me que por informações soubera que existia em pedaços (79), em casa de um lavrador; que a procurará quando voltar do mar (80).

(75) Santa Marta, serra também chamada da Falperra, sobranceira à cidade de Braga, situada entre os rios Cávado e Ave. Aí tem sido recentemente explorado um castro.

(76) Esporões, freg. do concelho de Braga. Brito freg. do concelho de Guimarães à margem direita do Rio Ave. Desta última freguesia é procedente uma ara votiva que deu entrada no Museu da Soc. M. S. em 1935 (Vide *Catálogo* cit., p. 224).

(77) Ponte de S. João de Brito, sobre o Rio Ave, na estrada Guimarães-Famalicão.

(78) Lomba e Cruzinha são dois lugares um pouco a N. do Monte de Sabroso e a S. de Santa Leocádia de Briteiros.

(79) Na Citânia de Sanfins, a que Sarmento chama de *Roriz* (Vide notas 11 e 20) apareceram nas explorações feitas pelo falecido ten.-coronel Afonso do Paço fragmentos de uma estátua de guerreiro lusitano, a cabeça com capacete e partes do busto e das pernas, que se encontram no pequeno Museu monográfico de Sanfins (Vide, entre os vários trabalhos de E. Jalhay e Afonso do Paço sobre Sanfins, o último que A. do Paço publicou na *Revista de Etnografia*, Porto, 1968, vol. X tomo 2.º, p. 329 ss.).

(80) A expressão «voltar do mar» significa na linguagem popular do lavrador minhoto deste região, regressar do trata-

Monte dos Picos ⁽⁸¹⁾ (aliás *Coubroso*). — Tinha curiosidade de saber o que appareceria na casa circular que, o ano passado, vi no Monte dos Picos, para cá de um cordão de pedra, que parecia muralha arruinada. Mandei lá o António de Armil, que era conhecido do *Cavalaria* (músico), e, entendendo-se com ele, perderam um dia, procurando debalde. Vieram dar-me a notícia do desapontamento, e notícia também de uma pedra «como por ali não havia outra», no alto da Coutada do Arcebispo (monte da Boa Vista). Indiquei-lhes melhor onde deviam procurar a casa circular, e fui hoje (3 de Setembro) ver a pedra. Não tem que ver. Chamam-lhe «Casa do Mocho». É uma lasca corroída, como muitas da Citânia, e a cavidade mais larga é decerto a casa do mocho. Algumas das outras cavidades parecem-se com furos de broca. Mas tudo é natureza.

Em Pedralva soube de um lavrador (e o *Cavalaria* depois confirmou), que o monte que eu chamava dos Picos, se chama Coubroso. Mais para norte dele há um morro chamado «Monte do Exército» (aludindo à guerra dos franceses). Aí há uma grande casa circular, disse o lavrador, e acrescentou o *Cavalaria* que já alguém lá fora escavar à busca do dinheiro. A descrição, porém, é tal que ora lhe chamam casa, ora bouça (cromlech?). Entre este morro e Pena-Província é que fica o vale chão de que falou o P.^e António de Pedralva.

Para os lados do Senhor do Monte há o Monte do Castro (onde está um marco geodésico).

O Monte Alto de Pedralva, onde também me disseram haver casas circulares, mas o que não confirma o P.^e Manuel Ribas ⁽⁸²⁾, é o monte a nordeste e não longe da Citânia, que também tem um marco geodésico. Consertando-se a estrada de Pedralva para Braga, um dos trabalhadores encontrou carvão, não numa pia

mento de banhos de mar, cuja praia por ele frequentada é geralmente a Póvoa de Varzim, a que chama «Póvoa do Mar», para a distinguir de outras póvoas, da Póvoa de Lanhoso, por exemplo.

⁽⁸¹⁾ Monte dos Picos, a N. de Pedralva e um pouco a S. do lugar das Eiras, de onde proveio o «Colosso de Pedralva» (Vide nota 3).

⁽⁸²⁾ Vide nota 74.

de pedra, como alguns dizem, mas num buraco muito estreito na boca e largo por baixo, mas aberto em terra. Com o carvão havia o quer que seja que luzia. O achador ainda conservou algum tempo esta cousa, mas, por fim, deitou-a fora.

Apareceu também uma mina velha chamada «da Rainha». Alguém que lá entrou diz que é larga dentro, e alta como «uma torre», com pedras no tecto que parecem ameaçar ruína. Abobada grosseira, como a do Sabroso e outras? Dentro encontrou-se, diz-se, um sarilho de madeira muito antigo. Em suma, de antiguidades claras e exploráveis não achei notícia nenhuma em Pedralva.

Vindo para Briteiros, antes de chegar ao ribeiro do *Lou-ral* (comp. Louro, Loire?), ribeiro que se junta abaixo com o que o Lobo da Deveza chamava Febras⁽⁸³⁾, ainda em Sobreposta notei um penedo curioso. É um monstro, mas perto do solo apresenta um arco formando uma caverna, talvez digna de ser explorada: Perto do Loral há um sítio notável, Uveiral, e notável porque, segundo me disseram, é cultivado de uveiras, quase em deveza bravia.



Sepultura em rocha de Taboadelo. — Fica logo acima da casa do Dinis Santiago⁽⁸⁴⁾. Está refundado no penedo todo o contorno do cadáver. 1) uma cavidade para os testículos, segundo a versão do Dinis. É possível; a cavidade é de mais de duas polegadas. 2) cavidade para os calcanhares. 3) dois rebaixes ao longo, para as barrigas das pernas. O comprimento da campa é de mais de oito palmos e meio. Para os pés a campa ainda tem de profundidade um escaço palmo e meio;



⁽⁸³⁾ Vide nota 40. Sobre este topónimo de *Febras* vide o artigo do Prof. Doutor J. M. Piel, *Febras: uma reliquia lexical zoonímica latina*, «Rev. de Guim.», 1968, vol. 78, p. 327.

⁽⁸⁴⁾ Vide nota 9.

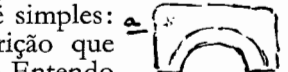
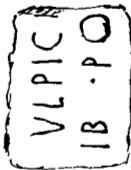
mas daí para a cabeça, no sentido dos traços ///// quase toda a campá está no estado que estaria se lhe dessem um tiro em 5) que levantasse uma lasca de mais de palmo de grossura, porque a profundidade de hoje é de três polegadas em parte. Em 4) há uma ranhura, onde talvez assentasse uma tampa; mas a ranhura mesmo não tem uma polegada de profundidade. Ignora-se como aquilo se descobriu, mas a tradição popular diz que apareceu ali um prato de ouro, que deu a riqueza à casa dos passados do Dinis. O monumento está isolado; nenhuma outra velharia apareceu por ali. N. B. A largura da campá nos ombros é estreita; não excede a dos meus. Pela configuração da cousa, o cadáver parece ter tido os braços cruzados. No entanto verificar com melhores informações.

Fragmento de arco com inscrição romana. Dois capitéis, dois fragmentos de fustes (achados entre a Abação e Lapinha). — Hoje em poder do Dinis, bem como um túmulo de tijolo. O fragmento de arco é simples:

Do lado de a) tem uma inscrição que está truncada. Lê-se:

que antes da primeira que depois do B um I, etc. S/IB/I PO/SVIT estela funerária. Os

ordem coríntia, se não fuste de ambos é sensivelmente desigual. Não eram pois parelhas. Capitéis, fustes e fragmento de arco vieram da Abação. Parece que os capitéis e fustes foram, aqueles achados e estes quebrados num campo, porque a charrua topava muitas vezes com eles. Seriam quatro colunas com fustes, ainda hoje em parte em pé. Uma escavação no sítio encontraria ainda o pavimento, etc. Urge perguntar o sítio certo e nome do dono do campo. O túmulo de tijolos não apareceu longe. É formado, fundo e lados, de tijolos, iguais às tégulas na grossura. As tampas eram tégulas com rebordo, mas há só fragmentos destas. Os tijolos dos lados são marcados



Entendo linha lhe falta um S e sendo S/VLPICI/VS (85). Era, em suma, uma dois capitéis são de erro. O diâmetro do

(85) Vide *Catálogo (Secção Lapidar)*, cit., p. 102 e *Correspondência Hübner-Sarmiento*, p. 40, nota 6, fig. 27.

com cruces grosseiras pelo lado de dentro: outros têm várias letras.

A dimensão do túmulo em comprimento era respeitável; largura dois palmos. Apareceu dentro um esqueleto. O crâneo mandou-o o Dinis ao Marquês de Sousa ⁽⁸⁶⁾. N. B. Além das marcas supra, há como as unhas de um cabrito impressas na pasta fresca, na borda do tijolo, mas só no plano dele, e não nas testas. Na Citânia há marcas desta espécie ⁽⁸⁷⁾, mas lá são só as de uns dedos, e aqui a coisa está de sorte que se diria que o carimbo era precisamente uma mão de cabrito (17, Setembro, 78).

(*Em Matosinhos*)

Por falta de tempo tenho deixado de transcrever aqui as notícias arqueológicas, colhidas em Matosinhos, e outras de outras procedências, que me chegaram mais tarde. Elas aí vão agora.

Monte de S. Gens ⁽⁸⁸⁾ — Tinha-me dito o Dinis Santiago que do alto do Monte de S. Gens se descobria quase toda a Maia. Fui lá (1 de Outubro). Logo adiante de Matosinhos, na estrada, fica a aldeia de Sendim ⁽⁸⁹⁾, com o seu grande pinheiro manso do mesmo nome. Foi aí onde encontrei o meu informador do Castelo (vide infra). Um quarto de légua adiante fica o Monte de S. Gens, com a sua capela insignificante que recolhe S. Gens e Santa Apolónia. Apesar de não

⁽⁸⁶⁾ Dr. D. Francisco de Borja P. M. A. de Sousa Holstein, 1.º marquês de Sousa Holstein, palaciano da Casa Real no reinado de D. Luís I, nascido em Paris em 1838 e falecido em Lisboa em 1878, filho dos primeiros duques de Palmela. Foi sócio da Academia Real das Ciências, Inspector da Academia de Belas Artes, diplomata. Deixou larga colaboração em revistas e jornais da época, especialmente sobre história da Arte.

⁽⁸⁷⁾ Marcas de pés de animais em tijolos. Em escavações da Citânia apareceram tijolos com marcas de gato, de cão, de cabra, de caprinos e de porco. Encontram-se estes exemplares no Museu da Soc. M. S.

⁽⁸⁸⁾ Monte de São Gens, próximo de Sendim, no concelho de Matosinhos. Há diversas freguesias com este topónimo.

⁽⁸⁹⁾ Sendim, lugar da freguesia e concelho de Matosinhos.

muito elevado, o monte, ou melhor, outeiro, descobre uma vista esplêndida e larga. Além dos montes de Valongo⁽⁹⁰⁾, não me souberam nomear outros. Até aos montes longínquos, pelo nascente (Valongo), nordeste e norte, estende-se a grande bacia, onde aqui e ali há algumas empolas de terra (*Magus*, Maia).

Espreitei os penedos. Uma laje tem: Estas *cupules*⁽⁹¹⁾ são antigas, mas não puídas, como as da Citânia e Sabroso. Algumas gamelas em rochas não me pareceram muito naturais. Há muito caco, mas sem aspecto antigo. O monte, que é quase todo pedra, deve ter sido explorado de há séculos, e continua a sê-lo com actividade. Os pedreiros têm construído pequenas cabanas quadradas, com rachas de pedra, e cobertas de abóbada grosseira. Percorrendo estes sítios, lembrava-me do Marquês de Sousa, cujo falecimento, os jornais noticiaram⁽⁹²⁾. Bem predissera o Aragão!⁽⁹³⁾.



Castêlo (sic). — Quando fui a S. Gens, encontrei em Sendim um João Correia⁽⁹⁴⁾, de S. Pedro do Sul, a quem trouxe como pude para o terreno das antiguidades. Disse-me ele que não longe dali havia um sítio onde aparecia muito caco, etc. Não tardei a procurar

⁽⁹⁰⁾ Valongo (*vale longo?*), vila e sede de concelho do mesmo nome confinante com o da Maia. Está situada num extenso vale entre as serras de Baltar e de Valongo, próxima da margem esquerda do Rio Ferreira, afluente do Sousa.

⁽⁹¹⁾ *Cupule*, *signes cupuliformes*, buraquinhas, pequenas cavidades circulares praticadas na superfície de certas rochas, nos tempos pré-históricos, cujo significado simbólico se desconhece.

⁽⁹²⁾ Referência ao falecimento do Marquês de Sousa Holstein em 30 de Setembro desse ano de 1878 (Vide nota 86).

⁽⁹³⁾ Augusto Carlos Teixeira de Aragão, médico militar, natural de Lisboa (1823-1903), arqueólogo e numismata notável. Deixou obras importantes, especialmente um tratado de numismática portuguesa em 3 volumes (1880) obra de consulta ainda hoje indispensável para os estudiosos desta ciência — *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal*.

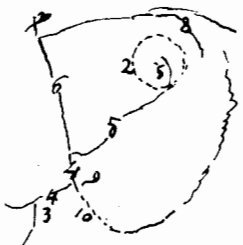
⁽⁹⁴⁾ João Correia, de S. Pedro do Sul, informador casual de Martins Sarmiento, era um lavrador caseiro, de Sendim, que o arqueólogo cita várias vezes.

o sítio, e vou reunir aqui o que pude recolher das notícias e escavações que tentei. Quem vai de Matosinhos para a ponte de Guifões⁽⁹⁵⁾, pela linha que fica entre os montes e os campos (esquerda do rio), encontra um caminho de carro, que dá para os campos, e quase desaparece por falta de uso em frente de um monte, coberto como os outros de pinhais. Este monte é o Castelo. Continua-se a seguir o caminho ensilveirado e encharcado de água. O caminho forma um cotovelo para a esquerda. Neste ângulo brota uma fonte chamada das Águas Férreas, que alguns médicos do Porto já quiseram explorar. Da fonte por diante o caminho sobe, e começa a mostrar um ladrilho miúdo, como o de algumas calçadas da Citânia. Começam já a aparecer fragmentos de telha com rebordo. A calçada quebra à esquerda, e no lanço que segue a direito por alguns passos há um socarco novo, onde foram plantados alguns eucaliptos; das covas para eles desenterrou-se muito caco e telha, e metade de um machado de xisto alunífero⁽⁹⁶⁾ de forma um pouco diferente dos de Sabroso:



A calçada torce à direita para o alto, mas outro braço continua o caminho que trouxemos, e leva à ponte de Guifões, e daí, da ponte, pela volta norte do monte seguia uma outra calçada, que é ainda hoje o caminho para a Igreja da freguesia, S. Martinho de Guifões. Este lanço, como se imagina, está em partes restaurado modernamente. Tentemos uma planta:

1) Coroa da povoação. A exploração que fiz em 2) deu-me alicerces de casas quadradas, muita telha, alguns cacos, alguns, poucos, ornamentados. Não averigui se ainda existia muralha; é de crer que sim. 3) é a fonte de águas férreas. 4,4) a calçada que em 6) segue para a ponte de Guifões 7) e em 5) sobe para o alto. 8) é um caminho, talvez ladrilhado, mas já soterrado, que desce na volta do norte-poente. 9) é o sítio dos eucaliptos. 10) é a fonte



⁽⁹⁵⁾ Ponte sobre o Rio Leça, em Matosinhos, na freguesia de S. Martinho de Guifões desse concelho.

⁽⁹⁶⁾ Alunífero, ou aluminífero (que contém álumen).

de Feijó, no campo do mesmo sítio, onde era caseiro o João Correia. Não há por ali nome colectivo que preste. Na ribeira de Leça, perto do Castêlo, nomearam-me Cuíve, Lameiro, Ribeira do Caramona, mas parece que tudo isto envolve coisas e pessoas muito modernas. De frente, para norte, há uma Lomba (outeiro). Tradições, quase nenhuma. No alto havia uma mina que levava ao rio, e na bouça do Sousa (faldas no norte do monte) haveria um laje com sinais de ter tido uma argola, porque de antes o mar chegava ali, e ali se amarravam os barcos. Debalde procurei e o João Correia a encantada laje.

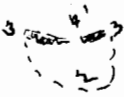
O Rio Leça, que passa nas faldas do Castêlo, pelo norte, nasce na Alfena e passa pela ponte da Travagem⁽⁹⁷⁾.

Das explorações que fiz pouco há que dizer, a não ser a franqueza com que o filho do dono do Monte (António de S. Martinho), Domingos, me concedeu licença para escavar onde quisesse. O monte porém tem um basto pinhal, e quase todo estava coberto de mato de mais de um metro de alto. Mande escavar numa parte roçada, já indicada atrás. Um dos trabalhadores tinha há tempos, ao arrancar um pinheiro, achado uma moeda de ouro, pela qual um ourives do Porto lhe deu 4.000 réis. Já disse que as escavações encontraram casas quadradas, nenhuma redonda; mas, em partes, os alicerces já tinham sido revolvidos. Além de cacos com grosseira ornamentação, nada há que mencionar. A exploração era incompleta, por querer poupar as árvores e os operários caros. A terra muito requemada, e a maior abundância de telha com rebordo. No caminho do norte-poente encontrei à superfície do solo um fragmento de ânfora; na escavação nem um caco. O dono do monte tinha-me mostrado em casa alguns moinhos de mão (andadeira e pé); não encontrei nenhum nas escavações.

As construções estendiam-se sem dúvida pelo monte abaixo. Na bouça dos eucaliptos, e logo à beira da

⁽⁹⁷⁾ Alfena, freguesia situada na parte N. do Concelho de Valongo, a 7 quilómetros da sede. A ponte da Travagem, sobre o Rio Leça, fica junto da vila e freguesia de Ermesinde, concelho de Valongo.

calçada, os vestígios de construções estão à vista. Na bouça, as covas para os eucaliptos puseram, como já disse, muito caco à vista e desenterraram muita pedra. Encontrei aí um fragmento de vidro, louça de diferente qualidade, alguma vermelha como a aretina, mas muito mais grosseira. Nesta bouça só explorei o «forno» (é como lhe chamava o João Correia). É o que vou esboçar, e que os plantadores tinham posto a descoberto — o que atraiu muito curioso: Planta:  Perfil  1, 2, 3, 4) saliências de quatro polegadas em quadro, com-
postas de pequenos tijolos assentes em cimento. 5) parede de pequenos tijolos assentes em cimento. A construção era regular; de ambos os lados dos topos havia algumas pedras, mas a sua disposição não se pode restaurar. A parte do forno oposta ao monte está já destruída. Este sítio tem o nome de «Os Castelinhos».

Na planta retro⁽⁹⁸⁾ indica-se onde fica o campo e Fonte de Feijó. A fonte vem de um cano rateiro, em partes descapeado, e a água corre para uma poça de terra, mas passa através de uma parede, que me pareceu cimentada e curva  1) cano rateiro, 2) poça moderna, 3,3) parede curva. Haveria aqui al-
gum forno de *Mouros*, como o da Saia? Neste campo diz o João Correia que tem encontrado paredes soterradas, e uma das construções, segundo ele gaguejou (espécie de tanque redondo lhe chamou ele) era circular. No campo fronteiro ao dele, o lavrador que ele interrogou diz ter encontrado alguns objectos de metal, verdes.

Nos Castelinhos apareceram tijolos furados, como na Citânia, mas o furo atravessa a sua menor grossura. Debalde procurei sinais nas lajes. Apenas num penedo, chamado da Bandeira, há um buraco na superfície, mas é moderno.

Os imbrices das telhas, encontrados na escavação do alto, eram de dimensões formidáveis. Escuma-

(98) Vide o desenho de Sarmiento, na p. 40.

lha de ferro inoxidável. As casas (alicerces) ficam no ar, se se cava três a quatro palmos. A coisa mais curiosa que um visitante empalmou, era um gargalo de uma vasilha, com orifício de 5 milímetros, embora as paredes fossem de mais de meia polegada de grossura.

A ornamentação das vasilhas, do alto, é grosseira, como disse. A mais parecida com a de Sabroso é . A Ribeira a norte-poente do Castêlo tem o nome genérico de Ribeira de Guifões.

Numa das vertentes do Outeiro dos Carvalhos, em S. Pedro do Sul, diz o João Correia que há o Penedo Vermelho (tão vermelho como os outros, acrescentou o narrador), de granito, que, pela sua descrição é uma grande laje, assente num suporte só, e formando um tecto (não afirmarei se em linha oblíqua, como a do esboço, se em linha horizontal). O suporte é pouco mais da altura de um homem. A laje tem pela face inferior um buraco (corrosão), que se alarga em cavernas, por onde os rapazes costumavam meter a cabeça (sempre o mesmo!), e dando-se na laje com as costas de uma foice «tocava como um sino» (sempre o mesmo!).



Perafita (99). *Cabo do Mundo* (100). — Fui a Perafita, uma légua a norte de Leça, à cata dos vestígios de um *menhir* que aí sonhei. Dirigi-me ao abade, que nada me soube dizer, lembrando-me que o pároco anterior, que morava no «Cabo do Mundo» — menos de um quarto de légua a poente de Perafita — podia dar melhores informações, por ser da localidade. Do padre Salvador segui para casa do padre José, no Cabo do Mundo. Nada me disse este segundo, acerca do *menhir*, mas mos-

(99) Perafita, freguesia do concelho de Matosinhos, que nos documentos medievais figura com o nome de *Petra ficta*, i. é, «pedra fincada verticalmente no solo», nome que faz sugerir e suspeitar a existência no lugar de um monumento pré-histórico espécie de obelisco em bruto, designado *menhir* (do baixo-bretão *men* — pedra e *bir* — comprida). Vide *Manuel d'Arch.* cit., de Déchelette, vol. I, p. 375).

(100) Cabo do Mundo, lugar da freguesia de Perafita (Matosinhos).

trou-me um sítio perto da sua casa, onde me disse haver sepulturas abertas em penedos:

1) Monumento do Mindelo (Arenosa⁽¹⁰¹⁾, em Pampelido, e não no Mindelo⁽¹⁰²⁾, que fica quase duas léguas distante. 2) Monte Godinho (Coto ?); nada tem que ver. 3) Monte das Pedras, onde fica a sepultura de ângulos arredondados. 4) A aldeia chamada Monte Douro (Mont d'Or?)⁽¹⁰³⁾; fica num plano, e ao pé nenhum monte notável. 5) sepultura quadrada. 6) Campo das Antinhas⁽¹⁰⁴⁾, por baixo de uma das paredes do qual há uma terceira sepultura, já meio destruída.



1) Superfície plana. 2) lado do penedo grosseiro e natural. 3) rego que não penetra muito no bordo da campá, mas inegavelmente é artificial. 4) parte saliente do penedo e como que guarda para alguma coisa; parece quebrado violentamente. 5) penedo aberto ao meio, fora da campá, e podendo ter-lhe pertencido. 6) pequena cavidade, onde parece ter entrado a cabeça do defunto.



(101) Arnosa de Pampelido (ou *Arenosa*, como escreveu Sarmiento?) praia do lugar de Pampelido da freguesia da Lavra, concelho de Matosinhos, onde num pequeno porto chamado *Praia dos Ladrões*, desembarcaram as tropas liberais de D. Pedro IV, em 8 de Julho de 1832, com os seus «7.500 bravos», que ficou mais tarde conhecida com o nome de *Praia da Memória*, por ali ter sido erguido um monumento comemorativo daquela acção. (Vide F. de Almeida, *Hist. de Portugal*, t. VI, p. 156). Pampelido fica a N. de Perafita.

(102) Mindelo, freg. do concelho de Vila do Conde, a N. da freguesia da Lavra. Erradamente se diz que as tropas de D. Pedro IV, desembarcaram nesta praia.

(103) Tal como a propósito desta aldeia de *Monte Douro*, também Sarmiento acerca do topónimo *Montedor*, na freguesia de Carreços, concelho de Viana do Castelo, lembra como forma possível etimológica a designação de *Mont d'Or*, Monte d'Ouro.

(104) *Antinhas* ou *Antelas* diminutivo da palavra *anta*, dada no país a certos monumentos megalíticos sepulcrais da época pré-histórica, que na nomenclatura arqueológica internacional têm o nome de *dólmenes*. *Dólmen*, segundo Déchelette, deriva da associação das palavras *dol*-mesa e *men*-pedra (*Manuel d'Arch. cit.*, Vol. I, p. 376).

Neste caso, a orientação do morto era com os pés para o poente. Comprimento da campa, oito palmos e meio; profundidade, dois; largura pelo lado da cabeça dois palmos e uma polegada; pelos pés, dois palmos e três polegadas. O bordo da campa, bem conservado, salvo num ou noutro sítio, tem uma polegada de relevo. O Padre José deu-me a entender que algumas tampas eram de lousa; o bordo não o indica. Seria coberta de pedra — um dólmen de novo género? A guarda, de que já falei, o penedo quebrado, o nome de Antinhas do campo próximo... Pelo arco do sul-poente, o penedo levanta do solo coisa de dois palmos e meio; por todos os outros lados

faceia com ele. Sepultura quadrada: Fica para norte da primeira, numa lage à flor da terra. Tem sete palmos e três polegadas de comprimento; três de



largura; um de profundidade. A orientação, se não erro, é a da outra. Fica no Monte da Parede: o monte é uma bouça. Da campa partida resta apenas:

do Campo das



se-me uma

Fica como já disse, ao pé de Antinhas. Neste campo, disse-me uma mulher, que o lavrador que o fazia, encontrava muito caco. Ao pé de um penedo, e não longe da segunda campa, encontrei eu também pedaços de telha com rebordo. Houve pois em Pamplido uma antiga povoação que não deixou de si nenhuma memória, nem tradição. Um riacho que passa por ali, vindo de Perafita, nem nome tem! Esquadrinhei os penedos, à busca de sinais da raça escrevedora. Pareceu-me encontrar em alguns *coupules*, mas não inteiramente indiscutíveis.

que continua baixo, que dá tempo fez



Uma pequena cavidade circular, numa oblonga, em plano mais saída para um canal; mas o com que a arte e a natureza se confundam aqui. Visitei duas vezes estes sítios, mas por mais que interroguei homens e mulheres, nada mais adiantei. (10 e 16 de Outubro).

Redon. (Rhodon?). — Povoação em frente da Capela da Boa Nova⁽¹⁰⁵⁾, para nascente. Perto da Capela um

⁽¹⁰⁵⁾ A praia da Boa Nova, em Leça de Palmeira, Matosinhos, cantada nos versos de António Nobre.

grupo de choupanas (S. Clemente). Na linha de Redon à Boa Nova há lajes com *coupules*, muito distintas e polidas. Debalde perguntei por sepulturas e antigualhas. As noras (como também em Pamplido) ficam dentro de construções circulares, de paredes muito caiadas.

Mamoas ⁽¹⁰⁶⁾, para Penafiel. — No Monte Mouzinho ⁽¹⁰⁷⁾, que é alto, no Crasto, na Certã, etc., há uma infinidade de montículos artificiais (sem nome próprio). O povo, que farejou ali tesouros, explorou muitos; mas restam imensos. Em alguns explorados metódicamente apareceu uma lança de metal (não se diz se de bronze), duas fitas de oiro de dois dedos de largura (tudo no Museu do Porto, actualmente). Tem aparecido também algumas moedas. O explorador metódico foi um irmão de um padre José, hóspede do José Leite ⁽¹⁰⁸⁾, de Paço de Sousa ⁽¹⁰⁹⁾, e este prometeu-me

⁽¹⁰⁶⁾ *Mamoas*, designação popular dos túmulos megalíticos pré-históricos (dólmenes, antas), cobertos de terra, quando intactos, formando montículos que se destacam no terreno.

⁽¹⁰⁷⁾ *Monte Mósinho*, em Penafiel, onde existe um extenso castro, conhecido pelo nome de «Cidade Morta», que desde longa data vem sendo vandalizado pelos pesquisadores de «tesouros encantados», e que ainda espera uma exploração arqueológica praticada com o indispensável cuidado e métodos preconizados em arqueologia de campo. Alguns objectos provenientes deste importante castro, produto de escavações fortuitas, encontram-se actualmente em parte no Museu de Penafiel, e parte, incluindo uma das conhecidas estátuas de guerreiros lusitanos, no Museu de Etnografia e História, do Porto.

⁽¹⁰⁸⁾ O grande mestre Dr. José Leite de Vasconcelos, amigo de Sarmento desde o seu tempo de estudante de Medicina, e então, podemos dizer, discípulo do sábio vimaranense. Foi um dos mais notáveis homens de Ciência portugueses de todos os tempos, como etnólogo, pré-historiador, arqueólogo, etnógrafo e filólogo de renome internacional. Nasceu em 1858 na freguesia da Ucanha, concelho de Tarouca e faleceu em Lisboa em 1941, deixando uma obra vastíssima! Para melhor conhecimento do extraordinário valor deste erudito Professor, fundador do Museu Arqueológico Nacional de Lisboa, vide nas suas *Cartas a Martins Sarmento* editadas pela Soc. M. S. em 1958, anotadas por M. C., a Bibliografia, a p. 10, respeitante aos autores que escreveram sobre a obra científica e notas biográficas de Leite de Vasconcelos.

⁽¹⁰⁹⁾ Paço de Sousa, freguesia do concelho de Penafiel, a 8 quilómetros da sede, na margem esquerda do Rio Sousa, afluente do Douro, onde existe o célebre Mosteiro, começado a construir

um livro, que fala de várias antiguidades das vizinhanças (manuscritos, parece). (Comp. pág. 22).

Campas em lajes. Dólmen. — Um capelão do Peixoto Villas-boas diz que em Felgueiras, perto da Casa de Juste, há uma campa aberta em rocha. É quadrada; não tem rebordo; mostra uma cavidade já safada, onde o defunto devia ter a cabeça.

Falando de «antas», o José de Aldão⁽¹¹⁰⁾ diz que há disso no Marouço, perto da Laje Branca e das Fragas. São pedras perfeitamente cortadas, duas do lado e uma enorme em cima. Veremos isso.

Santa Cruz.⁽¹¹¹⁾ — A nordeste de Leça, uma pequena légua. De caminho espreitei debalde as lajes. Atravessei os lugares de Mirão, Aguiar (var. *Guiar*), Monte-Avó. Defronte da Igreja havia uma antiga capela da Senhora da Guia, hoje residência do pároco. Perto da casa, outrora capela, está um singular monumento. É a «barca da Senhora da Guia». É uma barca feita de um penedo. Mede três metros de comprido, perto de um e meio de alto.



1) parte mais escavada; 2) menos escavada (esta um palmo de fundo, aquela dois), aqui uma cavidade quadrangular, para o mastro decerto; 3) plana.

Escusado explicar que há um bordo de pedra, como mostra o desenho do relevo, de uma polegada e meia.



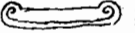
A barca não tem tradição! diz-se apenas que é antiquíssima. Voto? Está como abandonada. O púlpito da antiga capela era fora, sobre uma fraga, e circular. Está hoje desfeito. Vê-se-lhe o assento, de quatro palmos e meio de diâmetro: No segundo círculo (de dentro) entravam as



no final do século x e em cuja Igreja foi sepultado Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques (Vide *Igreja de Paço de Sousa*, n.º 17 da série do «Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais»).

⁽¹¹⁰⁾ José Ribeiro Martins da Costa, da Casa de Aldão, lugar da freguesia de Mesão Frio, em Guimarães, a 3,5 quilómetros a NE da sede.

⁽¹¹¹⁾ Santa Cruz do Bispo, freguesia do concelho de Matosinhos, a cerca de 4 quilómetros a NE. da sede.

guardas: . Do lado de trás do púlpito e encostada a ele ficava a  cruz; o braço transversal: ; mas era cruz?

Numa laje do caminho vi, à entrada para uma telheira, o sinal (moderno): . Será cousa de «manteiro» (fabricante de telha),  respondeu-me um passageiro do sítio, a quem pedi explicação da gravura.

O Crasto (Alvarelhos). ⁽¹¹²⁾ — Tinham-me falado (carta do Cesário) ⁽¹¹³⁾ de inscrições existentes na Quinta do Paço ⁽¹¹⁴⁾ (dos Leitões, do Porto), achadas numas explorações mal dirigidas. Apresentei-me com uma carta do Adriano Leitão ao feitor; mas não falei com ele porque tardou. Perguntei pelas inscrições, e vejo que se reduzem ao marco miliário, já copiado pelo Hübner ⁽¹¹⁵⁾, e que li: IMP CAESARI / TRAIANO HADRIANO / AVG / PONTIF MAX / TRIS (*trib?*) POTEST XVIII / COS IIII / BRACARA AVG. As letras estão muito safadas; algumas ainda com tinta negra, com que foram pintaroladas em tempo. A lição COS IIII parece-me clara. O marco é cilíndrico; terá cinco palmos de alto, três de diâmetro. Está sobre uma parede alta, ao lado de uma porta, que fica em frente da estrada; uma árvore escorre nele uma crosta de imundície. Pedi informações noutra parte, visto que o feitor tardava. Achei fora dos portais, por onde passa um caminho largo, em parte ladrilhado (decerto parte da antiga estrada romana; o marco,

⁽¹¹²⁾ Alvarelhos, freguesia do concelho de Santo Tirso, a 15 quilómetros a O.SO da sede, ao lado direito da estrada de V.^a N.^a de Famalicão ao Porto. É a *Civitas* ou *Castro Alvarelius* dos documentos medievais. Ali existem vestígios de um castro lusitano-romano, que Sarmento investigou.

⁽¹¹³⁾ Cesário Augusto Pinto, condutor de Obras Públicas e chefe da respectiva Secção em Guimarães. Era pessoa curiosa pelo estudo de antiguidades, a quem Martins Sarmento muito considerava (Vide M. C., *Dois inscrições medievais do Museu de Martins Sarmento*, 1963, vol. 73, p. 282).

A respeito de Cesário A. Pinto publicou também no semanário vimaranense «Notícias de Guimarães» (N.^{os} de 5 e 19 de Julho de 1964) o Dr. Craveiro da Costa, prof. da Escola Técnica de Guimarães, dois interessantes artigos, intitulados «Uma personalidade exemplar. Cesário Augusto Pinto».

⁽¹¹⁴⁾ Quinta do Paço na freguesia de S. Cristóvão, do Concelho de Santo Tirso.

⁽¹¹⁵⁾ É o marco miliário cuja inscrição está registada no C. I. L., II, sob o n.^o 4736.

segundo diz o reitor de S. Cristóvão do Muro⁽¹¹⁶⁾, foi achado mesmo no Paíço). Uma mulher que me falou num lugar onde apareciam tijolos, etc., tomei-a para guia. Levou-me pela Quinta do Paíço fora, e foi parar no sítio. Era uma casa circular, exactamente como as da Citânia (não vi mais exploração nenhuma):

o mesmo aparelho; fragmentos de barro da mesma qualidade (na Quinta do Paíço está guardada uma ânfora e outras curiosidades, disse-me depois em carta o reitor de S. Cristóvão). Levou-me depois à «Pedra da Moura», dentro ainda do Paíço, onde anda a «bicha Moura». É um penedo enorme e natural, assente em saibro.

Para nordeste há vestígios de uma construção tal qual que encostava ao penedo mas não se percebe



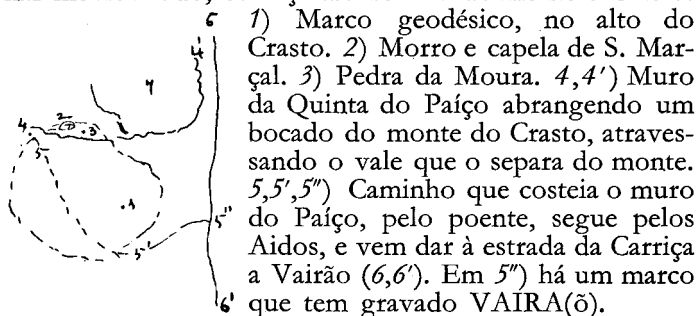
mas não se nada. Ainda



dentro da Quinta fica a capela de S. Marçal, que tem na padieira esta inscrição: ESTA OBRA MA/NDOU ERIDIF / ICAR ABBADESA / DONA ANA DE MENDONS. Ao lado da segunda linha 1605. A capela fica num outeiro que decerto pertencia ainda ao velho oppidum, como pude julgar por alguns restos de paredes que me pareceram muito antigas. Haveria compromisso do dono da Quinta do Paíço de deixar entrada franca ao povo para esta capela; a quinta depois foi murada; a capela está destelhada, etc. Há dali uma vista soberba, no arco de sudeste a norte. Para sudeste a Grova (a mulher não soube precisar se era monte ou vale, dava a entender que era ambas as cousas); entre Guidões e Azevedo (noroeste), o Marão, pequeno monte perto do Ave. Saltamos o muro do Paíço, e a mulher levou-me por um caminho que tomava para o alto, mostrando-me a cada passo

(116) S. Cristóvão do Muro (*Muro* certamente tradição alusiva à antiga muralha de um castro vizinho), freg. do conc. de Santo Tirso, a 14 quilómetros da sede e a S. da margem esquerda do Rio Ave. É uma das duas antigas paróquias (Santa Maria e São Cristóvão) da «terra» da Maia, ou de Alvarelhos. Os documentos medievais aludem ao *Castro Alvarelius* (vide nota 112), topónimo derivado do nome pessoal germânico Alvarelo, diminutivo de Álvaro. Perto corre um ribeiro, *rivulus Peacelo*, que desagua no Rio Ave, a N. da freg. de Guidões, conc. de Santo Tirso, e não longe da Igreja de S. Cristóvão, num lugar chamado Paíço, nome certamente derivado do ribeiro *Peacelo*.

cacos e telha romana. Eu vi alguma coisa mais: a coroa de casas circulares, rasas com o caminho. Chegamos ao lugar dos Aidos, perto do alto do Crasto. Aí mostrou-me ela uma mó de moinho de mão. Indicou-me a estrada que ia para Vairão⁽¹¹⁷⁾, e que parte da Carriça⁽¹¹⁸⁾. Despedi-a e voltei depois atrás, para examinar melhor tudo, começando do alto do monte o Crasto.



1) Marco geodésico, no alto do Crasto. 2) Morro e capela de S. Marçal. 3) Pedra da Moura. 4, 4') Muro da Quinta do Paíço abrangendo um bocado do monte do Crasto, atravessando o vale que o separa do monte. 5, 5', 5'') Caminho que costeia o muro do Paíço, pelo poente, segue pelos Aidos, e vem dar à estrada da Carriça a Vairão (6, 6'). Em 5'' há um marco que tem gravado VAIRA(ö).

No monte do Crasto segue-se em partes uma faixa de terra mais plana, que indica sempre que há ou houve muralha. Alguns pequenos montes de pedregulho parecem-me restos de restos de construções. Os *copinhos* nas lajes são frequentes e bem polidos. Uma gamela arredondada de um palmo de diâmetro e três polegadas de fundo não me pareceu natural. Sinais gravados em lajes, a não serem estes, não os vi. Voltando ao Paíço e revendo a casa explorada, Pedra da Moura e Capela de S. Marçal, nada encontrei de novo. Apanhei ao pé da casa um bocado de cristal de rocha, igual aos que os trabalhadores da Citânia chamam «pedra de raio».

Tornei pelo caminho para os Aidos. Em 5') vi um rapazola, que me disse depois chamar-se Manuel José Fontes, trabalhador. Ele e outros tinham cortado e arrancado uma boa porção de sobreiros, e nessa ocasião tinham encontrado alguns objectos de metal, verde um deles do tamanho de metade da sua fouce, que tinham posto sobre a parede e desapareceram depois. Como me

⁽¹¹⁷⁾ Vairão, freguesia do concelho de Vila do Conde a 8 quilómetros da sede e a 3 quilómetros a S. da margem esquerda do Ave.

⁽¹¹⁸⁾ Carriça, lugar da freguesia de Muro, de onde parte, à direita da estrada Famalicão-Porto o entroncamento para Vila do Conde.

disse que o contrato do comprador dos sobreiros era aterrar de novo as covas, pedi-lhe que entregasse o que encontrasse ao abade de Alvarelhos, que eu depois dava-lhe uma remuneração. Assim o prometeu.

N. B. — Arranjei depois uma carta do Adriano Leitão, não para o reitor de Alvarelhos, mas para o reitor de S. Cristovão do Muro (correio da Carriça), Francisco Moreira Azenha. Escrevi ao reitor dizendo-lhe o que queria. O padre chamou o Fontes, mas nada tirou dele. Acrescentou que havia ainda por ali a raça dos Calcuderos⁽¹¹⁹⁾ da Maia, e que provavelmente a procura de objectos de metal, em que eu mostrava empenho, suscitou as superstições daquela gente, e não havia volta a dar-lhes: julgariam que as antigualhas eram ouro, etc., e negariam ter encontrado alguma cousa. O Fontes mesmo não quis ir à presença do padre, ou só foi depois de muito rogado. Foi o padre que depois me disse em carta que no Paíço estavam guardadas algumas antiguidades (insignificantes, segundo parece), uma ânfora (também me pareceu ter visto parte da asa de uma), algumas moedas. O marco miliário appareceu junto da Casa do Paíço⁽¹²⁰⁾.

Para mim é de fé que a via romana passava à beira do Crasto e descia à beira da Casa do Paíço. Atravessaria então o Monte Grande, onde fica o marco de Vairão, e donde se vê já algumas torres do Porto e o mar. Não pesquizei esta estrada.

Como as casas circulares são abundantes, aqui temos um exemplo contra o romanismo dos castros. O Crasto não era construção romana, mas uma povoação, como a a Citânia, que depois se romanizou. O Rodrigo de Menezes⁽¹²¹⁾, que depois falou com o padre, por ter uma quinta ali próxima, onde havia o pequeno machado de rocha dendrítica que me deu, e que podia muito bem ter vindo da povoação, nada mais adiantou.

⁽¹¹⁹⁾ *Calcuderos* (?) da Maia, (*caldeireiros*? ciganos que trabalhavam na construção ou concerto de caldeiras de cobre?).

⁽¹²⁰⁾ Vide nota 115.

⁽¹²¹⁾ Dr. Rodrigo Teixeira de Menezes, da Casa do Carmo em Guimarães. Foi deputado. Era irmão do Engenheiro Major Inácio Teixeira de Menezes, sócio honorário da Soc. Martins Sarmento, que, a pedido da Direcção da Soc., foi encarregado, em 1898, de fazer a planta da fachada para a construção do edificio da sede da instituição, planta que não chegou a ser utilizada,

Neste mesmo dia fui jantar ao Padrão (freguesia de Fornelo)⁽¹²²⁾, porque os meus companheiros eram caçadores, Manuel Peixoto, José Leite, etc. Fornelo fica a um quarto de légua, se tanto, do Convento de Vairão. Dali avista-se um monte, em cuja vertente há uma capela com duas excelentes torres. O monte chama-se o *Crasto*, disse-me um pedreiro, e aí encontravam-se tijolos, e havia um penedo com um rabaixe quadrado, mas onde o pico encontrava tal dureza, que não entrava. Aqui perto do Padrão, acrescentou ele, um tal Cancelo, encontrou num campo muito tijolo, pedra lavrada e (gaguejando) alguns objectos de metal. Antes de chegar ao Padrão e de largar a estrada de Vairão, indicou-me um rapaz, que me guiava, um outro monte, chamado Crasto, mas as suas indicações eram um pouco vagas, e podia bem ser que indicasse o do pedreiro.

Debalde quis saber porque o lugar se chamava Padrão. O que há de notável é uma capela da Senhora da Saúde, onde se guarda também a Senhora da Água Redonda, como consta de uma inscrição gravada na padieira. Outra notabilidade de Fornelo é a «Carolina do Cerco». É mais alta que eu uns quatro dedos, ombros largos e reforçados, casada, mas ainda nova. O tipo muito pouco comum: olhos azuis carregados, nariz direito como o do gaulês de Belloguet⁽¹²³⁾, tez branca, cabelo sobre o louro. Olhar firme, fisionomia severa e carregada. Deveria bater-se a murro como uma gaulesa; mas apertada há tempos por uns gracejadores desatou a chorar. Há no lugar uma rapariga mais alta que ela, e mulheres bonitas não faltam, dizem, e eu algumas vi.

Crasto. (Vide supra). — Disse-me um roçador do Crasto que um quidam que ali viera escavar, sendo pobre apareceu rico.

sendo substituída por outra que o Architecto José Marques da Silva se prestou a apresentar (Vide o primitivo desenho de Inácio de Meneses existente no Arquivo Municipal de Guimarães, que o director do mesmo publicou no semanário «Notícias de Guimarães», n.º 1.854 de 2 de Julho de 1967.

⁽¹²²⁾ Lugar do Padrão, da freg. de Fornelo do conc. de Vila do Conde.

⁽¹²³⁾ Barão Roget de Belloguet (1796†1872), autor da obra *Ethnogénie Gauloise*, Paris 1858, 1861 e 1872.

Columella («columnella?») ⁽¹²⁴⁾ — Há sobre o portal de uma quinta, perto de Lamego, uma estátua ou busto com este nome. É possível que seja bem antiga.

O Cesário ⁽¹²⁵⁾, classificando as rochas das achas de Sabroso diz das cor de lousa: *xisto aluminifero*; da parecida com sabão, *quartzito dendrítico* ou *arborizado*, vulgar na Península. A formação desta rocha é atribuída a infiltrações bituminosas, cujo cheiro se torna sensível, raspando-a com um objecto de aço.

Pedi ao Pe. João Rebelo ⁽¹²⁶⁾ para me saber dos arquivos competentes a data da nomeação do abade de Santo Estevão, *Inácio de Carvalho* ⁽¹²⁷⁾, que trouxe a «Pedra Formosa» da Citânia para baixo, e a do seu immediato sucessor. Resposta: — que a Igreja decerto andava junta à Cadeira de cônego. Na Câmara Eclesiástica nada consta. No Cabido talvez. E nada mais.

A respeito do *marco miliário do Paço*:

«Enquanto ao que me encarrega agora, sei pelo ouvir ao Ex.^o Snr. Leitão, que o marco miliário foi encontrado ao formar os alicerces do torreão que há na Quinta do Paço, pelo seu cunhado Domingos de Oliveira Maia ⁽¹²⁸⁾; este senhor não só o encontrou, como digo, mas além disso mandou vir do Porto quem o decidisse, por cuja ocasião se avivaram as letras. É neces-

⁽¹²⁴⁾ Do lat. *Columella* ou *Columnella*? pequena coluna, e também nome dado a um escravo da confiança do seu dono.

⁽¹²⁵⁾ Vide nota 113.

⁽¹²⁶⁾ Padre João Rebelo Cardoso de Meneses (1832†1890), sacerdote muito notável que foi bispo de Lamego, onde faleceu. Era irmão de Bernardino Rebelo e da 1.^a Condessa de Margaride, D. Ana Júlia Rebelo Cardoso de Meneses, casada com o Dr. Luís Cardoso Martins da Costa Macedo, que foi governador civil de Braga, dono da Casa de Margaride, em Guimarães. O título de 1.^o Conde foi-lhe concedido por D. Luís I, em 1877.

⁽¹²⁷⁾ Padre Inácio de Carvalho, chantre da Sé de Braga e abade da freguesia de Santo Estêvão de Briteiros, que, no século XVII, mandou deslocar para aquela freguesia a célebre «Pedra Formosa», enorme estela funerária aparecida na Citânia de Briteiros, que em Março de 1718 foi transportada para o adro da Igreja de Santo Estêvão, de onde M. Sarmento a mandou levar novamente para a Citânia em 1876, e em 1897 para o Museu da Soc. M. S. (Vide M. C., *A Pedra Formosa*, in «Revista de Guimarães», 1928, vol. 38, pp. 178 ss.).

⁽¹²⁸⁾ Vide nota 114 e 116.

sário notar a V. Ex.^a, pois não sei se conhece bem o local onde está o torreão, que junto dele passava, ainda no tempo do Sr. Domingos Maia, um caminho que decerto era o marcado e medido pelo marco miliário». (Do reitor de Mures) ⁽¹²⁹⁾.

N. B. — Supunha o reitor que a estrada ⁽¹³⁰⁾ vinha de Vila do Conde para Braga. (Vide pág. 48).

1879

Mamoas. Penafiel. — (Vide pág. 46). Com data de 24-3-79 responde-me o José Leite Pereira de Melo ⁽¹³¹⁾, de Paço de Sousa, a uma carta que há tempos lhe escrevera pedindo-lhe notícias das *mamoas* de que falei atrás. Diz: «Agora passando a informar-te acerca dos sítios onde se encontram as tais mamoas, tenho a dizer-te que, no Monte de Calvos, freguesia de Paço de Sousa, e sobranceiro e esta já se encontram algumas e no percurso de duas léguas desde o tal monte de Calvos até Entre-os-Rios, pouco mais ou menos, a cada passo se topam as mamoas, em todo o Monte de Mosinho ⁽¹³²⁾ e em mais parte alguma, que eu saiba».

O mono da Tojeira. ⁽¹³³⁾ — Tinha-me dito o Vieira ⁽¹³⁴⁾ que o Albino ⁽¹³⁵⁾ lhe falara de uma estátua de pedra,

⁽¹²⁹⁾ Carta do abade de S. Cristóvão do Muro para Sarmiento (Vide nota 116).

⁽¹³⁰⁾ Suposta estrada romana, a que o marco miliário encontrado na Quinta do Paço, pertenceria, segundo o abade de S. Cristóvão do Muro, vinda de Vila do Conde para Braga.

⁽¹³¹⁾ Vide nota 108. O nome completo de Leite de Vasconcelos era José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo, descendente de uma nobre Família de Resende. Aos 17 anos fez os seus estudos preparatórios no Porto, matriculando-se em seguida na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, onde se formou, em 1886. Mais tarde deslocou-se para Lisboa, onde faleceu em 1941. (Vide na «Rev. de Guimarães», M. C., *Os nossos Sócios Honorários*, 1941, vol. 51, p. 65 ss.).

⁽¹³²⁾ Vide nota 107.

⁽¹³³⁾ Tojeira (de «tojo», topónimo de sentido vegetal), lugar da freguesia de Goães, concelho de Amares, a 3 quilómetros de Braga.

⁽¹³⁴⁾ Francisco Vieira Soares da Mota, do Marco de Canaveses.

⁽¹³⁵⁾ Albino Almeida Dias Leite.

que parecia ser parenta da de Fafe⁽¹³⁶⁾. Escrevi ao Jerónimo Leite, para me saber disto e responder, que decerto há aqui engano. O que havia na Tojeira era a estátua de um S. João, em ponto grande, metida no nicho de uma fonte. Os caseiros parece que tinham devoção com ela, quando queriam chuva. Uma vez, porém, zangados por o santo os não ouvir, puseram a estátua em pedaços. É a história dos poveiros que atiram lama e areia às almas, que os não ouviram, e a de todos os selvagens.

O *marco miliário* em Canaveses⁽¹³⁷⁾. — O Simão Rodrigues⁽¹³⁸⁾ tinha falado num marco miliário em Canaveses, com que justificava a sua célebre tamacana via. Falando com o José Maria, do Marco, quando em Outubro passado aqui esteve, nomeou-me um patricio dele, Francisco Vieira Soares da Mota⁽¹³⁹⁾, que era um pouco antiquário, etc. Escrevi-lhe com a apresentação do José Maria. Mandou-me um desenho da pedra de Tuías, que estimei por ver nela uma ara⁽¹⁴⁰⁾: Dou aqui o fac-símile do desenho do Mota, que na inscrição entendeu C por G, na última letra da terceira linha, e, pelo que inferi, não a sabia decifrar. A ara tem cinco palmos de altura, um palmo e três quartos de largo, e na face inferior (leito) «uma pia redonda», de seis centímetros de profundidade (não diz o diâmetro). Esta particularidade é para arquivar. Não há aqui engano, porque, perguntando-lhe se se enganaria, e se a pia estaria na face inferior, respondeu positivamente que era na



⁽¹³⁶⁾ A estátua de Fafe a que Sarmento se refere é a de um «guerreiro lusitano», procedente de Santo Ovídio (Fafe), que ele adquiriu nesse ano de 1878, e se encontra actualmente no Museu da Soc. M. S. em Guimarães (Vide *Catálogo cit.*, p. 147).

⁽¹³⁷⁾ Vide nota 141.

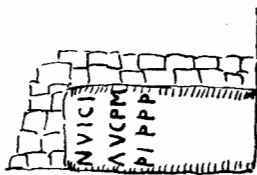
⁽¹³⁸⁾ Vide nota 46.

⁽¹³⁹⁾ Vide nota 134.

⁽¹⁴⁰⁾ Ara votiva consagrada aos *Lares Cerenacii*, que servia de pia de água benta na Igreja da Freguesia de Tuías, 2 quilóme-

inferior. A carta é de 23-12-78. Noutra, de 16-1-79, manda-me o desenho de uma outra pedra redonda, cilíndrica, que estava metida na parede de um casebre. O Simão Rodrigues, que eu interpelara, tinha-me dito que o marco a que ele aludira estava encravado numa casa, etc. Era pois o mesmo. O Mota mandava-me cópia das letras que havia à vista ⁽¹⁴¹⁾:

A pedra está a dois quilómetros do Marco, «onde há indícios de ter existido uma povoação». É cilíndrica; tem seis palmos de altura e sete ou oito de diâmetro. Na parte superior indica faltar-lhe uma parte, que quebrou. Meti-me com o José Maria, para vermos se se arrancava a pedra e era possível decifrar-se a inscrição. A cousa está feita e eis a cópia da inscrição, que recebi ontem (29-3-79):



INVICTO
AVC PM
TRI PPP

É claro: INVICTO/AVG. P. M./TRI. P. P. P. Se não erro, no marco do Paço ⁽¹⁴²⁾, — erro, ia dizer que tinha lido ali TRI por TRIB. Mas não. No do Marco provavelmente o primeiro P da 3.^a linha é B. O segundo P pertence ao mesmo título, e ao terceiro P ainda falta um quarto, para se ler «pater patriae». Segundo todas as probabilidades, temos aqui um marco miliário. Bem que o palavriado não o decida definitivamente (comp. Ara de Nerva) ⁽¹⁴³⁾, no entanto esse palavriado junto

tros a S. do Marco de Canaveses, na margem esquerda do Rio Tâmega. Encontra-se actualmente no Museu Arq. Nac. de Lisboa (Vide L. de V., *Religiões da Lusitania*, II, 183). Esta lápide é também citada num artigo, de António Monteiro, no *Boletim Douro Litoral*, Porto, 1948, 3.^a série, t. I, p. 51, nota 1. Hübner registou esta inscrição no *C. I. L.* II, n.º 2384.

⁽¹⁴¹⁾ Tratava-se de um marco miliário, a que Sarmiento alude na *Rev. Lusitana*, vol. I, 1887, p. 238 e também no *Boletim da Ass. dos Arq.*, IV, 1883, p. 70. Hübner registou esta inscr. no *C. I. L.*, II, Supl. n.º 6210.

⁽¹⁴²⁾ Vide nota 115.

⁽¹⁴³⁾ A «ara de Nerva», também conhecida pelo «penedo de Trajano» existente na povoação das Caldas das Taipas, é um bloco granítico de mais de três metros de altura, com três faces aplanadas.

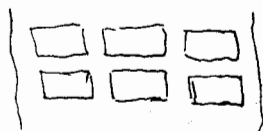
à forma cilíndrica da pedra são dois indícios que não podem desprezar-se. Escrevo ao Mota para espreitar melhor a pedra e o local.

Citânia de Paços de Ferreira ⁽¹⁴⁴⁾. *Fonte dos Mouros. Sinais gravados em rochas. Penedos notáveis. Pias em penedos.* (De uma carta do Manuel, de 8-6-78) ⁽¹⁴⁵⁾. — A Fonte dos Mouros nada tem de notável. Só se vêem nela pedras toscas. É possível que as melhores fossem saqueadas para uma parede próxima. Fica a grande distância da bouça de Fervenças (Vide pág. 14 e 16).

No chamado «*Penedo da Lua*» há uma cavidade no cimo, e na face do lado do nascente «um círculo com um traço à semelhança de raio partindo da circunferência para o o centro»  «...o outro penedo (vid. desenho adiante) tem dois  círculos. Este penedo pertence a uma ala de penedos menos regulares. O intervalo de uma ala a outra é de 13 palmos. Os penedos creio que estão assentes em rocha, que no intervalo das duas alas está cortada por quatro sulcos longitudinais e outros transversais pouco profundos, formando vários quadrados. Os sulcos terão a largura de uma mão travessa. Ao pé de uma das alas pareceu-me distinguir, um *menhir* ⁽¹⁴⁶⁾ tombado. Media 10 palmos de alto e a base cinco palmos e meio de diâmetro. Um fragmento de uma das paredes:



Aspecto da rocha no intervalo de duas alas:



Ao nascente da Citânia existe um lugar chamado *Penedos Rajados*, um penedo curioso pelas suas cavidades, onde encontrei uma pedra que denotava haver já sofrido a

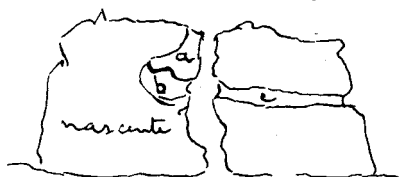
das, numa das quais se encontra gravada uma inscrição dedicada ao imperador Trajano, monumento que Hübner reputou notável e registou no *C. I. L.* com o n.º 5560 (Supl. ao II vol.).

⁽¹⁴⁴⁾ Vide nota 20.

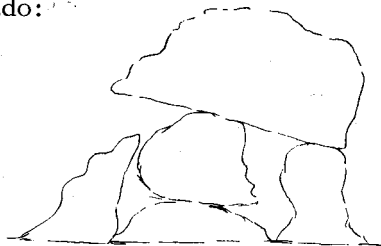
⁽¹⁴⁵⁾ Vide nota 10.

⁽¹⁴⁶⁾ Vide nota 99.

acção do fogo. O penedo apresenta a seguinte forma:



Se eu deitasse um líquido na cavidade *a*) ia desta para *b*) e de *b*) para *c*). Em *c*) é que encontrei a tal pedra calcinada. Outro penedo me chamou a atenção; existe a alguma distância da Citânia e chamam-lhe *A Pedra Posta*. Já mandei cavar à volta dele, mas nada encontrei. Está assim colocado:



Bilhas, copos de vidro, pratos, etc. aparecidos em Moure ⁽¹⁴⁷⁾. — Na mesma carta diz o Manuel que em Moure, freguesia de Moreira, abrindo-se a estrada de Santo Tirso a Guimarães, apareceram dentro de uns canos muitas bilhas, uma de duas asas, outras de uma, copos de vidro, pratos de barro, redondos, com certa cavidade no centro, e pregos, que segundo diz o empreiteiro que estava presente ao achado, eram dos caixotes em que as bilhas estavam fechadas, havendo apodrecido a madeira. Uma das bilhas, ao que parece, está na mão do Manuel. Vê-la-emos.

Ruínas da Saia ⁽¹⁴⁸⁾. — Perdi os apontamentos que trouxe das ruínas da Saia. Vou dizer o pouco que me

⁽¹⁴⁷⁾ Moure ou Mouro (do antropónimo *Maurus*), lugar da freguesia de Moreira de Cónegos, conc. de Guimarães.

⁽¹⁴⁸⁾ Vide nota 25.

lembra. É coisa de nota que as pessoas a quem perguntamos pelas ruínas, na falda do monte (lado de nascente), pareciam ignorar a existência de tais ruínas. Demos com elas à custa das nossas pesquisas. Ficam no monte por cima de Farelães. Apesar do que dizia o Joaquim Torres⁽¹⁴⁹⁾, é duvidoso se estas ruínas tiveram jamais o nome de Citânia. Parece que não. O Veloso⁽¹⁵⁰⁾, de Barcelos, chama-lhe em algures Sanoana⁽¹⁵¹⁾. Quanto à Citânia de Paços de Ferreira, escrita Sitania na carta do Perry⁽¹⁵²⁾, o bispo de Uranópolis, em Argote⁽¹⁵³⁾, chama-lhe «Cidade», por informações dos vizinhos dela. As ruínas da Saia tinham, ao que parece, um muro de suporte, como Sabroso e de certo Castêlo, mas parte deste muro foi saqueada para as obras do caminho de ferro de Nine, que se vê do alto. Vestígios de casa não se encontram; mas estou persuadido que lá está soterrado um metro de paredes. O que abunda à superfície é telha com rebordo. Reunamos as minhas observações com as notícias que o Torres (João António) empregado no Banco de Ponte do Lima, segundo notícias vagas do Pestana⁽¹⁵⁴⁾, escreveu no «Commercio do Lima», n.º 52 (em 2-11-76) e 59 (em 10-1-77). No n.º 52 afirma ele que dava às ruínas o nome de Citânia «porque assim o dizem e crêem os moradores daqueles sítios». O Monte da Saia, diz ele, serve de limite às freguesias de Carvalhas, Chorrente, Chavão, Grimancelos, S. Pedro (de ?) e Silveiros. O túnel de Silveiros foi feito com pedras do Monte da Saia (mas parece que cortada nos penedos); ao remover alguma é que os empreiteiros encontrariam alicerces de casas, dando rebate aos arqueólogos e pro-

⁽¹⁴⁹⁾ Aliás João Torres (Vide nota 25).

⁽¹⁵⁰⁾ Vide nota 26.

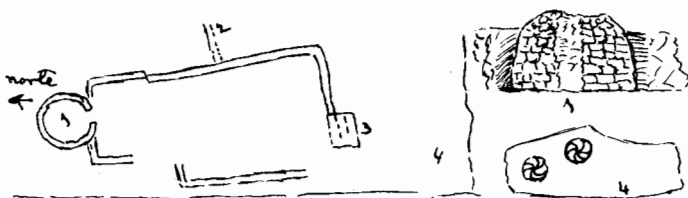
⁽¹⁵¹⁾ Vide nota 27.

⁽¹⁵²⁾ *Carta Geográfica de Portugal*, na esc. de 1:500 000, levantada pelos oficiais do Exército A. J. Pery, C. A. da Costa e G. A. Pery, sob a direcção do General de Engenharia Filipe Folque, matemático e astrónomo notável, que deixou uma extensa obra científica (1800†1874).

⁽¹⁵³⁾ Argote, *Memórias* cit., vol. II (1734), p. 466.

⁽¹⁵⁴⁾ Dr. José Maria Pestana de Vasconcelos, de Paredes de Coura, que foi Delegado em Guimarães e mais tarde Juiz em Paredes de Coura.

curadores de tesouros das vizinhanças. Louva os empreiteiros. Então seriam encontrados dois vasos de barro (no n.º 59 chama-lhe almotolias), e que param hoje em boas mãos, não dizendo de quem. O mesmo alto do Monte chama-se Alto do Livramento (n.º 59). Ainda mal descobertas se divisam muralhas na extensão de 454 passos. O que mais atenção lhe merece é o «Forno dos Mouros». Eis, pouco mais ou menos a planta, segundo um esboço que tirei:



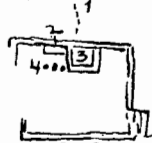
1) Na planta baixa e perfil, o forno. 2) Sinais de uma mina. 3) Espécie de degraus. 4) Sítio onde vi a pedra 4 do desenho. O forno estava, ao que parece, soterrado, e ainda hoje, quando o vi, o estava pelos três lados, menos a frente. A coroa da abobadada também já não existe. Parece que foi destruída «pelos seis homens que durante uma semana» trabalharam para desobstruí-lo (n.º 52). Outras partes da construção (paredes) foram também demolidas, segundo se infere. Afirma que os homens procuravam dinheiro. Eis a descrição do Torres: «Imaginal uma construção de dois metros de alto de forma de uma ferradura (*a mim pareceu-me circular, mas não o seria*), dos ângulos da qual se prolonga um corredor, que se estende em linha oblíqua alargando para a saída, o qual vai dar em um espaço quadrangular (*não mo pareceu, mas é possível*), de um canto do qual sobe uma escada de três degraus que terminava num pequeno pátio (*em que não reparei, por estar decerto coberto de terra*). Colocai no centro deste quadrado encostado a uma das faces, o tanque e tereis uma perfeita ideia da edificação que quero descrever». Vê-se que havia um tanque, mas não é fácil localizá-lo,

porque está no centro do quadrado e encostado a uma das faces (?). Vejamos se entendemos. O tanque devia ficar para o lado da mina.

segundo o Torres:
quanto ao edifício



Então a reconstrução
Iluminemos a coisa
quadrado:



1) Mina. 2) Lugar dos baixos-relevos⁽¹⁵⁵⁾.
3) Tanque. 4) Três pequenas pedras quadradas em frente dos baixos relevos. É o que se infere do seguinte, combinado com as notícias anteriores: «...porque, no lugar de onde foram tiradas (as pedras com os baixos-relevos), faziam parte de um tanque à direita da bica e tendo em frente três pequenas pedras quadradas que pareciam servir de assento» (n.º 52). «A bica era inteiramente tosca» (*ibidem*), e a mesma observação aplica ele à construção do interior (tanque) dando a entender que a parede que o encerrava era de aparelho regular, de pedras quadrangulares, de 0,30 por 0,20, iguais e perfeitamente assentes. Fala na água que borbota a meio da vertente do monte (poente, creio) cujo nome aponteí, mas perdi, e cujo nome ele omite, mas não fala da velha mina. O forte borbotão forma hoje um regato, que passa a dois ou três metros a sul-poente da construção. Diz porém que a água de tal borbotão forma hoje um regato, que passa a dois ou três metros a sul-poente da construção. Diz porém que a água de tal borbotão ainda passa hoje por *milagrosa* (n.º 52). Os baixos-relevos são: «duas pedras de 11 decímetros de alto, por 4 de largo, toscamente lavradas, e com baixos-relevos, um de 65 centímetros por 30 representando uma mulher, e o outro de 50 centímetros por 35 representando um menino com a cabeça de um touro ao lado esquerdo. Estão de tal forma carcomidas estas figuras que mostram claramente terem sido expostas à acção do tempo largos anos antes de serem sepultadas na aluvião». N. B. Vê-se a importância deste monumento que tem seu *pendant* no de Sabroso, e há-de

⁽¹⁵⁵⁾ Duas pedras esculpturadas, procedentes do Monte da Saia (Barcelos), do chamado «Forno dos Mouros» e se encontram actualmente no Museu da Sóc. M. S. Uma contém uma figura togada, sob um nicho; a outra a figura de um sacrificante, também sob um nicho, segurando a cabeça de um touro (Vide *Catálogo cit.*, p. 151 e M. C., *Monumentos Arg. da Soc. M. S.*, cit. «Rev. de Guimarães», 1951, vol. 61, p. 11).

tê-lo noutros, e são decerto a origem das famosas fontes dos Mouros, etc.

Outros achados, perto da Saia: Mais para o sul, numa grande deveza (*há vinte anos; hoje terra lavradia*), ao levantar umas paredes que suportam grande altura de terra, encontraram-se uns restos de casas construídas de tijolos, e no meio dessas ruínas um forno, duas almotolias de barro (*iguais aos vasos de que falou atrás*), grandes e pesadas e uma férrea⁽¹⁵⁶⁾ de fabricar pão.

Mais «quatro colunas de granito de 83 decímetros de alto e 21 centímetros de diâmetro, tendo a base lisa e um capitel de três cordões rematado por cimalha acastelada»... «existem ainda hoje na casa de um tal Cipriano (freguesia das Carvalhas), sustentando uma varanda». (n.º 59). «Na Quinta de Farelães (freguesia de S. Pedro do Monte) existe uma sepultura aberta em rocha viva, a qual tem dois metros e 15 centímetros de comprido, 71 centímetros de largura para o lado da cabeça, e 66 para o lado dos pés. O seu fundo é liso, as linhas rectas e no bordo superior mostram claramente um rebaixe, sinal evidente de que era coberta com tampa de lousa. Não tem, como se vê, cavidade alguma com a configuração de ombros e cabeça, que geralmente se atribui a obras semelhantes do tempo dos romanos». Menciona, sem as nomear e definir, outras antiguidades aparecidas por aqueles sítios, que o povo ignorante destruiu.

N. B. O Rio Louro (comp. Loire, antigo *Liger*) não passa longe de aqui.

Forum Limicorum⁽¹⁵⁷⁾ (Limia, do Itin. de Antonino, 2). A 2-3-77 recebi uma carta de Miguel Roques dos Reis Lemos, segundo me dizem professor de instrução primária em Ponte do Lima, dando-me parte de umas ruínas,

⁽¹⁵⁶⁾ *Férrea*, provincialismo significando pá de ferro, utensílio caseiro de cozinha.

⁽¹⁵⁷⁾ A localização do *Forum Limicorum*, ou *Limia*, cidade dos *Limici*, uma das tribos galaicas pertencentes ao *Conventus Bracaraugustanus*, na *Hispania Tarraconense*, citada por Plínio (III, 28), por Ptolomeu, e no Itinerário de Antonino, tem sido objecto de controvérsia. Em Espanha é por alguns identificada a um lugar chamado a *Cibdá*, no Monte Viso, Termo de Noelo da Pena, nos arredores de Sarreas (Orense), à margem esquerda do Alto Lima. Em Portugal é considerada Ponte de Lima, onde existe uma das mais belas pontes romanas de nosso país.

existentes num outeiro ao sul da Vila, freguesia de Correlhã⁽¹⁵⁸⁾, lugar dos Barcos. Há muito se notavam ali olarias de diversas qualidades e vestígios de construções. A estrada para Barcelos teve de cortar pelo sopé do outeiro e «apareceram ruínas de casas completamente derruidas depois do incêndio, provavelmente subseguindo-se o saque, restos de louça, tijolos, carvão vegetal; relíquias de bitume transformado pelo fogo em uma espécie de pedra que, ao lume, toma a côr esbranquiçada, derretendo-se; um bocado de parede de alvenaria fechando uma garganta formada por duas rochas; lastro de lareira; e uma calçada ou pavimento de rua, de pedra, assentada sobre uma espécie de argamassa, calçada formada de pequenas pedras unidas e de pouca espessura, parecida na superfície com a nossa calcetaria, mas com rebos de maiores proporções».

Supõe ele que aqui seria o *Forum Limicorum*, em muito melhores circunstâncias para isso, do que as ruínas da freguesia da Facha⁽¹⁵⁹⁾ ou as da Feitosa⁽¹⁶⁰⁾, onde outros o colocavam, e onde apareceram tijolos, etc.

Ofereci-lhe 30.000 reis para ajuda da exploração, supondo que era esse o fim da carta. Não aceitou. Na carta em que briosa e delicadamente faz a recusa, acrescenta: «Apareceram restos de casas, não circulares, mas em linha recta, algumas de 56 palmos de comprido, paredes de alvenaria tão perfeita, que parece cantaria. Apareceram soterrados tranqueiros de portas esquadriadas e cinzeladas, fornos, etc. E apareceram, entre fragmentos de louças grossas e finas, vestígios de incêndio, ossos calcinados, etc., e mós de atafonas. Apareceram duas pedras quase quadradas, tendo no meio, em alto-relevo um círculo...».

O desenho é o seguinte:

da Citânia e da Saia; mas pas são 8 ou 4, o que o (Esta segunda carta é de



É a mesma figura resta saber se as as-desenho não diz. 19-3-77).

⁽¹⁵⁸⁾ Correlhã (ant. *Villa Corneliana*, de *Cornelius* possessor lusitano-romano da terra), freg. do conc. de Ponte de Lima, a 5 quilómetros da sede, e a S. da margem esquerda do Rio Lima.

⁽¹⁵⁹⁾ Facha, freg. do Conc. de Ponte de Lima, a 7 quilómetros a SO. da sede e a 5 da margem esq. do Lima.

⁽¹⁶⁰⁾ Feitosa, freg. do conc. de Ponte de Lima, 2 quilómetros a S. da sede.

Mandando-lhe uma fotografia de uma idêntica figura da Citânia, responde: «Esta pedra fotografada difere da encontrada no Monte da Conceição (*lugar das ruínas*). A de V.^a Exc.^a conhece-se ser ornato. Subsistem muitas dúvidas quanto à da Conceição».

Mas, se ele disse que era em alto-relevo? Duvido pois que o seja, e que seja apenas gravura como a da Saia. Ele mesmo diz que as pedras da Conceição se assemelham «exactamente com o desenho à pena que mandei ao Torres», em que decerto lhe pedia esclarecimentos sobre as figuras gravadas da Saia, e que ele ou me não deu, ou eu perdi. Deu ao Possidónio⁽¹⁶¹⁾ «uma asa de talha ou grande ânfora, segundo parece, em forma de orelha, mas com labores». «Achei uma picareta de ferro, se não de aço, deteriorada, soterrada em entulho na profundidade de dois metros, entre cacos, num vazio entre dois rochedos». Nada de sinais de inscrições em rochedos, apenas num distingue-se um P e um O. Não sei se lhe pedi que examinasse se neles havia também círculos concêntricos. Ainda lho perguntarei. A terceira e última carta é de 29-5-77.

Santa Luzia (Viana do Castelo)⁽¹⁶²⁾. — O «Diário Ilustrado» de 24 de Agosto de 1877 traz uma *Notícia archeologica* sobre as descobertas no monte de Santa Luzia, assinada F. J. Mascarenhas. Extraio o mais importante:

O perímetro das ruínas será de 2 quilómetros de Norte a Sul, e um de nascente a poente.

As casas, onde é notável a «nula capacidade dos seus alicerces» são circulares, elípticas e quadrangulares, «tendo ao centro, no piso inferior, um razoável orifício que se presume servir de encaixe a uma grossa alavanca

⁽¹⁶¹⁾ Joaquim Possidónio Narciso da Silva, architecto e arqueólogo (1806†1896), fundador da Associação dos Arqueólogos Portugueses, instalada com o Museu da mesma Associação nas ruínas do Convento do Carmo em Lisboa. Foi um infatigável obreiro dos estudos arqueológicos portugueses.

⁽¹⁶²⁾ As ruínas do castro do Monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo, foram pesquisadas pela primeira vez em 1877 pelo arqueólogo J. Possidónio Narciso da Silva, às quais se referiu no *Boletim da Assoc. dos Arq.* t. II, n.º 4, p. 52. Posteriormente, outros arqueólogos deram notícias destas ruínas: Figueiredo da Guerra (*Bol. da Assoc. dos Arq.* 1879, n.º 10, p. 158), Leite de Vasc. (*O Arch. Porto.*, vol. VIII, p. 15), F. Alves Pereira (*Estudos do Alto Minho*, fasc. IV).

para sustentação dos outros pavimentos e tectos» (*decerto a pedra central de Sabroso e Citania*).

Achados: 5 pedaços de ferro, que combinados, representam «uma forma de fundir pregos»; 5 pastas de chumbo; 2 cunhas de ferro; 136 pregos de cobre com cabeça; 1 conta de cobre e uma argola do mesmo metal, de enfeite de mulher; pedaços de bronze furados, que se supõe terem sido adaptados a quícios de cancelas; pedras lisas de forma oval, aguçadas numa das extremidades e que foram reputadas como furadores; uma pedra de tocar metais com manifestos sinais de este emprego; uma pequena pirâmide de bronze, objecto de uso supersticioso; 46 moedas, quase todas do diâmetro da nossa de 200 reis, 4 de prata: 1.^a) Perfil à direita, cercado de filigrana; *Rev.*: «ao centro um poste com armadura de guerreiros romanos, destacando-se dela (?) dois escudos e outras tantas figuras nuas»; por baixo um traço pronunciado em cima do qual Caesar; 2.^a) Efigie cercada de filigrana, e legenda *Rufus S*; *Rev.*: um tritão precedido da legenda *W (sic) Cordius (sic)*; 3.^a) Efigie olhando à direita com coroa cívica, ao redor Constantinus P. R. (*P?*) Augustus; *Rev.*: um guerreiro com sagum, lança na direita e apoiando a esquerda num escudo que descansa no chão; em volta Marti conservatori; 4.^a) Busto de capacete sem viseira; em volta Constantinus Aug.; *Rev.*: a figura de Roma e a inscrição P. P. Roma (*Roma?*) Aeterna.

O director das escavações foi Manuel José Felgueiras, director do Colégio de Nossa Senhora d'Agonia, secretário da comissão. Declara o noticiador que as escavações tinham parado por falta de dinheiro.

O Prior da freguesia da Areosa, a quem tinha pedido informações das ruínas antes das escavações, dizia-me, a 26 de Outubro de 76, que o Monte de Santa Luzia corria de sul a norte na distância de algumas léguas. Areosa fica no vale do poente. No alto do monte há uma planície onde estão as principais ruínas (aqui o Prior José Narciso da Costa, que assim se chama o padre, repete um trecho de qualquer dos nossos antiquários sobre a velha cidade). A meia légua para o norte há mais vestígios de fortificações. Noutro sítio, à borda de um regato que vem juntar-se com outro chamado (este último) Pego, há vestígios de muitas casas, «à semelhança de moinhos de vento», que o povo chama «Casebres

de S. Pedro». No meio do monte há um lugar chamado S. Mamede; mais para poente das ruínas grandes, parece, e pertencente à Ariososa, o lugar de Povoações. Para poente o vale de Fincão.

Cividelhe ou *Cividade* (Basto). — Tais são os nomes que dá o povo às ruínas, que me descreveu o P.^e Manuel de Ribas ⁽¹⁶³⁾ (26-11-75), e mesmo ao monte em que elas ficam. Distam cerca de meia légua do Convento de Refoios de Basto ⁽¹⁶⁴⁾. O monte só pelo norte, onde pega com outros, é acessível; por este lado veem-se duas linhas de fortíssimas muralhas. A povoação descia pela encosta do nascente. Muita cacia, muito tijolo, mas as construções são menos visíveis que as da Citânia. O âmbito da povoação seria de 1 500 metros. Quase no meio, mais para o norte, havia uma mina, que se seguia até muita distância. A direcção dela é para outra que se vê dentro da última ordem de muralhas. A mesma tradição que por ali iam os cavalos a beber ao rio (Covo). Debaixo de um penedo há um poço, hoje atulhado de pedras. Tradições de mouras encantadas. A 1000 metros para NE. fica o monte chamado das «Campas dos Mouros». Já assim era denominado antes de se descobrirem as sepulturas, de que se falará. As pedras das ruínas têm sido saqueadas para fazer paredes. Não há vestígios de casas redondas, «dizem que eram quadradas». Alguns lanços de muralha muito bem feitos. As pedras das casas eram pequenas, como as da Citânia. Na encosta do monte há como socacos, talvez destroços desfigurados pelo tempo. O monte não tem nome próprio. Próximo a este há outro chamado Archeira. Povoações circunstantes: Cambezes, Asnela ⁽¹⁶⁵⁾, Chachim ou Chacim. Nenhuma delas tem pretensões às ruínas. Há próximo às ruínas a Fonte da Moura, que nunca seca; um pequeno vale chamado Corgo da Moura; no meio das ruínas um penedo, cuja coroa é plana, visivelmente artificial, para o qual se sobe por umas escadas toscas: chama-se Cama da Moura.

⁽¹⁶³⁾ Vide nota 74.

⁽¹⁶⁴⁾ S. Miguel de Refoios de Basto, freguesia do conc. de Cabeceiras de Basto.

⁽¹⁶⁵⁾ Cambezes e Asnela, lugares da freg. de Rio Douro, conc. de Cabeceiras de Basto.

Em dois penedos há buracos, que se vê terem sido feitos a ferro, e alguém diz que num deles existia ainda há pouco um ferro chumbado de dois palmos de comprido.

Campas dos Mouros. O monte onde ficam é da mesma altura do das ruínas, decerto. As sepulturas achadas, duas, foram-no por um acaso, quando um trabalhador batendo na lousa ouviu o som oco, etc. Cada uma está aberta na sua laje, esta quase ao nível do solo. O local é em declive, e pela parte de baixo há indícios de alicerces de parede; pode pois suspeitar-se que as campas estivessem cobertas de terra no princípio. Apesar de dizer numa parte que tem *exactamente* a forma de um corpo humano, como abaixo afirma serem *exactamente* como os carneiros usuais, esta última versão deve ser a exacta-exacta. Mais largas para a cabeça. A maior tem de comprimento oito palmos e meio curtos, dois e meio de profundidade. Ajuntava-lhe uma lousa e por isso foi trabalhada, diz: tinha rebaixe no bordo superior. Não dá a medida da mais pequena. Não sabia se dentro se acharam alguns objectos. Uma continha ossos, que se desfizeram logo; outra uma terra seca, cor de cinza. Eram muito bem feitas. Tem aparecido moedas, mas não as viu. Viu, mas não aparecidas nestas ruínas, uma de ouro, de Tibério, outra de prata, de Júlio César, esta falsa — por dentro cobre, por fora uma tona de prata. (A última carta é de 13-12-75).

Citânia de Roriz ⁽¹⁶⁶⁾. — O abade de S. Pedro Fins ⁽¹⁶⁷⁾, a quem pedi informações da Citânia dos seus sítios nada adianta. Chama ao monte em que ficam as ruínas *Monte de S. Romão*, e às ruínas *Citânia Menor*. De Sul a norte tem 418 metros, de nascente a poente 264. Casas redondas. A Fonte dos Mouros dentro da bouça — A Chouza. A serra está situada nos confins de S. Pedro Fins de Ferreira (pela maior parte, diz), excepto uma pequena parte ao poente que «desagua» para o monte de Seleirô, na freguesia de Eiriz. (Eiriz fica ao poente). O padre cha-

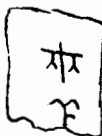
⁽¹⁶⁶⁾ Vide nota 20.

⁽¹⁶⁷⁾ Sanfins de Ferreira ou S. Pedro Fins de Ferreira são a mesma freg. Há outras freguesias com esses nomes.

ma-se António Marcelino Martins Machado. (Carta de 16-4-77).

Citânia de Baião. Eiriz ⁽¹⁶⁸⁾. — Notícias do Henrique Cabral ⁽¹⁶⁹⁾ ao Eduardo nada dizem. Eiriz fica na freguesia de Ancede (poente de Baião, creio eu), num terreno pantanoso, perto do Rio Ovil. É um pequeno lugarejo, sem tradições antigas, e neste último caso estão Amarelhe ⁽¹⁷⁰⁾ (donde todavia vieram moedas, que o Eduardo diz haverem sido ali encontradas) e Vila Moura.

Em Penouços ⁽¹⁷¹⁾. — Perto da Igreja de Aldão (S. Mamede), junto de um lameiro, onde de antes houve casas, apareceu uma pedra com a seguinte gravura: Está incompleta. Ninguém sabe dizer o que isto é. Estamos, porém, já em época de pleno Cristianismo, parece. Para nordeste deste sítio é tradição local ter-se dado a batalha de S. Mamede ⁽¹⁷²⁾, (Campos de S. Mamede).



Monumentos megalíticos perto de Penafiel (Vide os desenhos do Simão Rodrigues). — Os desenhos que me manda são: 1.º) Penedo das merendas, que ele diz ter uma *tatonage*, que me parece ser um fenómeno natural, como o de algumas pedras de Sabroso que apresentam sulcos caprichosos, como os de terra gretada. 2.º) Casa da Velha. 3.º) Casa do Velho (ambos estes são grupos de penedos oblongos; num deles há uma cavidade circular. Corrosão?). 4.º) Forno dos Mouros. É um

⁽¹⁶⁸⁾ *Eiriz*, além de freg. de Paços de Ferreira (Vide nota 20) é também lugar da freguesia e vila de Ancede, pertencente ao conc. de Baião. Fica na margem dir. do Douro, a S. da sede do concelho.

⁽¹⁶⁹⁾ Henrique Cabral, da Casa das Portas, em Pombeiro (Felgueiras).

⁽¹⁷⁰⁾ Amarelhe, lugar da freg. de Campeio, conc. de Baião. Esta freg. é na própria sede do concelho.

⁽¹⁷¹⁾ Penouços, lugar da freguesia de S. Mamede de Aldão, do conc. de Guimarães, nos subúrbios da cidade, a NE.

⁽¹⁷²⁾ O local preciso onde se feriu a histórica Batalha de S. Mamede, próximo do Castelo de Guimarães, é assunto de controvérsia. Vide M. C., *A propósito do Centenário da «cidade» de Guimarães e do Milenário da sua existência histórica*, in «Rev. de Guimarães», 1953, vol. 63, p. 17 e p. 18, nota 36.

dólmen e de bom tipo: Fica no lugar da Portela do Monte, freguesia de Santa Marta, Concelho de Penafiel. 5.º) Penedos do Conde, grupo de penedos oblongos. 6.º) Penedo do Rou-Rou,



com uma fenda de meio metro de largura e seis de altura. Cita, a propósito do destino que lhe dá—assembleia de chefes: «*ron-ron*, faz-se o que o rei mandou». 7.º) Igreja dos Burros (singular nome!), um penedo oblongo entre as partes superiores de outros dois muito maiores, deixando uma caverna. 8.º) Monte do Castelo de Penafiel (penhas pré-históricas). Pelo desenho é uma pirâmide composta de grossas pedras quase esquadriadas. 9.º) Penedo do Equilíbrio, não longe do 8.º. Acha-lhe a forma de uma caveira, e, segundo dá a entender, ainda hoje é balouçante.

Do mesmo Simão Rodrigues: Fonte da Cabaça, distante uma légua de Penafiel. Num monte solitário há uma Eira dos Mouros, que ele supõe ser «uma praça pública, da época ciclopense», e no meio uma pedra enorme, tosca, em forma de cabaça; por um pequeno gargalo repuxa, de cima, água no inverno. Ainda hoje se chama fonte da Cabaça.

O Carvalho das Sete Pedras. Só resta o nome.

Penedo escavado por dentro: «Na foz do Sousa e perto das minas cartaginesas (*sic*), existe uma coisa singular, próximo do Castelo de Aguiar de Sousa⁽¹⁷³⁾ — um elevado morro, no meio do rio, e as ruínas em cima. Pouco distante, à beira do rio há um enorme penedo, que foi escavado por dentro com muita paciência e trabalho: num espaço de 4 metros, aproximadamente, furaram por baixo, e colocaram os rodízios de um moinho; dentro do penedo, na parte superior, trabalham duas mós de pedra, moendo, etc.»

Vária (de diferentes jornais):

Forno antigo. — Apareceu no lugar do Casal da Mota, freguesia de Dornes, Concelho de Ferreira do

⁽¹⁷³⁾ Aguiar de Sousa, freg. do conc. de Gondomar, distrito do Porto, na confluência do Rio Sousa com o Douro.

Zézere. Tinha por cima árvores seculares. Dentro telhas partilhas, uma inteira, de forma desusada, tendo gravados emblemas desconhecidos. Tem-na hoje José Maria Pereira da Frasoeira. Tem aparecido por ali moedas e medalhas antigas. (1876 a 78? não tirei a data do jornal).

Deus animalesco. — Os malaioes de Java cuidam que o crocodilo acolhe a alma dos finados. Por isso lhe oferecem sacrifícios. Na Batávia veem-se a miude jangadas no mar ornadas de flores, galinhas assadas ou cozidas com arroz e outras iguarias, em que ninguém se atreve a tocar. Os sacrifícios são oferecidos quando algum membro da família morre, casa ou se baptiza.

Bracelete de ouro. — Apareceu na propriedade do Espregal, termo de Sintra, debaixo de uma lápide. É uma argola larga, que fecha com uma aselha, ornada de campainhas; ouro puro, do valor de 600\$ a um conto. Consta que na pedreira onde appareceu tem também apparecido cadáveres completos e membros dispersos, petrificados (174).

Moedas romanas. — Na estrada que se abre de Alijó ao Pópulo (175), quebrando-se um penedo a tiro, encontram-se debaixo dele, no solo, umas 900 moedas de prata com effigie dos imperadores romanos, e muito bem conservadas.

Machado de pedra (não diz de que rocha). — Achou-se nos terrenos da Quinta de Torres Altas, de João José Pacheco, a poucos quilómetros de Setúbal. Existiu talvez ali uma estação, contemporânea da que se crê haver existido no sítio da Pena, próximo a Setúbal, na encosta da Serra de S. Luís. Tem 12 por 9 centímetros, e de espessura 4. A parte anterior termina em chanfro curvilíneo (!). («Gazeta Setubalense», Nov.^o de 76).

Sinaes em rochas. — No Vale do Inferno, em Espanha. Desde o Poço do Diabo até ao Monte Berço, os explo-

(174) Martins Sarmiento parece aludir aqui à célebre xorca de Sintra, magnífica jóia de ouro antiga, que o Museu Britânico de Londres adquiriu por compra em 1901 (Vide referência a esta lamentável saída de Portugal para um país estrangeiro de um tão raro e precioso espécimen da nossa joalharia arcaica, no vol. 67 de 1957 da «Rev. de Guimarães», p. 29-nota 2, e especialmente *O Arch. Port.*, vol. VII, p. 155, que insere um artigo de L. de Vasconcelos).

(175) Alijó, vila e sede de conc. do distrito de Vila Real, 45 quilómetros a E. desta cidade. Pópulo é freg. do conc. de Alijó, 15 quilómetros a N. da sede.

radadores, visitando desfiladeiros e recôncavos, estamparam 400 esboços: cabeças de animais, difíceis de classificar; pombas, cuja forma faz lembrar a Idade do Bronze; pontas de flecha; lanças; cabeças de bois unidas por uma espécie de canga; o grosseiro delineamento de um corpo humano. Os vizinhos remontam isto ao tempo de Anibal; julga-se, porém, que este general não tenha atravessado nunca semelhante território.

Antiguidades em Pisa. — Que Pisa? Descobriram-se ali vestígios dos antigos Aztecos.

Esqueletos humanos colossais. — Em Beri, perto de Alençon. Ao pé uma medalha completamente gasta, onde se distingue BAN.

Manuscritos em Viseu. — Num subterrâneo: muitos objectos difíceis de classificar; uma caixa de madeira, em boa conservação, e dentro diversos papéis e pergaminhos de caracteres diferentes dos actuais. Numa página viu que se trata de Fannia das Arras, o que leva a crer que está ali a obra de Senecion. Toda a notícia tem ares de *canard*.

Estudo sobre as flores e as árvores, obra do arqueólogo inglês, King⁽¹⁷⁶⁾. Na velha Inglaterra, o carvalho era objecto de culto geral. Sob carvalhos coloca a tradição a residência de Merlin⁽¹⁷⁷⁾; sob os carvalhos anãos, que cobrem os declives das colinas de Dartmoor⁽¹⁷⁸⁾, habitavam os druidas, e aí faziam os seus sacrificios. O freixo era venerado. Construíram-se casas à sua sombra. Era crença geral que a serpente se não aproximava do freixo, e que, traçando um círculo com uma vara de freixo em volta de uma víbora, ela não podia sair para fora dele. O sabugueiro *idem*. Supunha-se ser de madeira dele a cruz de Cristo, e a árvore em que se enforcou Judas. A malha vermelha do peito do pintaroxo vem, diz-se, do sangue que o tocou, quando ele tentava arrancar um espinho da coroa de Cristo.

Catarata Sibio, no Douro. — No lugar de Lobazim é que ela cai no Rio Douro, de altura não inferior a 100

⁽¹⁷⁶⁾ John-Glen King, teólogo e arq. inglês (1731†1787)?

⁽¹⁷⁷⁾ Merlim, feiticeiro, personagem das lendas gaulesas do Ciclo da Távola Redonda, que parece ter sido guerreiro ou bardo do rei Artur, nas lutas contra os saxões.

⁽¹⁷⁸⁾ Dartmoor, região da Cornualha, condado de Devon, no S. da Inglaterra, onde os Druidas, magos ou mágicos, sacerdotes celtas das Ilhas Britânicas, praticavam os actos rituais da sua religião.

braças, tendo formado no rio, com a queda, um poço de uma profundidade incalculável.

Pala da Moura. — No termo da vila de Vilarinho da Castanheira, (179), pátria do autor (escritor na «Borboleta» (180), M. Almeida Barbosa), parece que há ruínas, que não descreve. «No meio destas ruínas, acrescenta, há uma caverna formada de três grandes pedras, de dimensões enormes e proporcionais». Ao antro chama-lhe o povo Pala da Moura. Afirma, sem provas, que as pedras são obra do homem. A pedra da «cúpula» (mesa) tem 22 metros de comprido, e 14 de largo. As duas outras «que servem esta como que de pedestal e formam as paredes do antro, não serão muito somenos em dimensões; mas obsta a medi-las exactamente o embutirem na rocha onde se colam, furtando-se por este modo aos olhos do observador». Diz que nem inscrições, nem tradições aclaram a coisa; menciona todavia a lenda popular que dá ali uma Moura encantada por feitiços de amor mal correspondido.

Crasto. Paço. — (Vide pág. 48 ss.). O reitor de Mure, noutra carta, diz estar guardado na Quinta do Paço (181) «um grande tijolo com bordos e encaixes nas testeiras, uma bilha, um prato de prata com uma beira quebrada que foi entregue a José Gomes Monteiro (*decerto confusão com o achado do Lima Barreto, prato com inscrição, etc.*), algumas pequenas moedas do tamanho de 3 reis». Fala também de «terraços feitos a argamassa, à maneira de eiras de terra, e de alicerces de edificações circulares». Apareceu em tempos «um forno a bastante profundidade, tendo em cima um grande carvalho; este forno foi destruído de noite pelos crédulos de dinheiro encantado, etc.» (De 6-12-78).

(*Continua*)

(179) Vilarinho das Castanheira, freg. do conc. de Carrazeda de Ansiães, distrito de Bragança, a O. de Torre de Moncorvo e a N. da margem dir. do Douro. Na região de Vilarinho existem vários restos de dólmenes, a que o povo dá o nome de *Palas dos Mouros*.

(180) A *Borboleta*, pequeno jornal bracarense onde Martins Sarmiento publicou em 1876 (Ano I, p. 27) um dos seus primeiros artigos, talvez o primeiro sobre tradições populares, intitulado *A mulher e o diabo* (Vide M. C. *Bibliografia Sarmentina*, «Revista de Guimarães», 1927, vol. 37, p. 191).

(181) Referência à quinta onde apareceu o marco miliário a que se alude na nota 115.